



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Luan Barbosa Azevedo

NATUREZA e ALIMENTAÇÃO:

Transformações na obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra
Grande, município de Vera Cruz-BA, 1970- 2026

Salvador
2026

LUAN BARBOSA AZEVEDO

NATUREZA e ALIMENTAÇÃO:

transformações na obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra Grande, município de Vera Cruz-BA, 1970- 2026

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientadora Profa. Dra. Noeli Pertile.

Salvador

2026

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUAN BARBOSA AZEVEDO

NATUREZA e ALIMENTAÇÃO:

Transformações na obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra Grande, município de Vera Cruz-BA, 1970-2026.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Geografia. Salvador, 26 de junho de 2026.

Documento assinado digitalmente
 **NOELI PERTILE**
Data: 30/06/2026 15:48:03-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientador(a): Profa. Dra. Noeli Pertile
Presidente – UFBA

Documento assinado digitalmente
 **ALCIDES DOS SANTOS CALDAS**
Data: 01/07/2026 11:24:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Prof. Dr. Alcides dos Santos Caldas
Examinador

Documento assinado digitalmente
 **ANALICE PASSOS COSTA GRAMACHO**
Data: 01/07/2026 17:13:55-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

MSc. Analice Passos Costa Gramacho
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus porque nos momentos de dificuldade, em que pensei que só havia escuridão me mostrou a luz, a Nossa Senhora das Candeias, padroeira de Barra Grande por interceder em meu nome em meus muitos momentos de oração.

À minha família, por ser meu porto seguro e ser a razão pela qual iniciei e não desisti dessa jornada: meu pai Clóvis, minha mãe Luciene e meu irmão Rafael. A meu avô Cosme, ponto inicial desta pesquisa, por desde sempre buscar incentivar seus netos a conhecer e aprender sobre as técnicas e culturas da comunidade, para que o conhecimento não se perdesse. Porém, também fazendo de tudo que estava ao seu alcance para que seus filhos e netos pudessem estudar e que não dependessem, exclusivamente, das incertezas da vida de pescador tradicional.

A minha companheira de vida Ana Carolina que, nas noites de maior dificuldade durante o trajeto da vida universitária, em que pensei em desistir, me ajudou, confortou e me lembrou que eu era capaz de ultrapassar qualquer barreira.

Um salve também aos amigos que o IGEO me trouxe: Paulo, Erick, Gessivan, Diogo, Gabriel, Lucas, Renato, Marcos, Cleiton, que fizeram esta trajetória em diversos momentos mais leve e divertida.

Por fim, agradeço de coração à minha orientadora e professora Noeli, que no campo da sua disciplina me apresentou a um universo completamente novo dentro da Geografia. Foi o que despertou em mim o interesse de fazer parte do PIBIC com a sua orientação, algo que mudou a minha vida acadêmica e me permitiu evoluir em diversos aspectos, obrigado pela paciência e compreensão. Aos colegas do NERA, Albert, Alberto, Analice, Victoria, a nossa saudosa Ivalcy e todos os outros colegas. Vocês que, em muitos dos nossos encontros na sala do NERA, durante as nossas conversas, direta e indiretamente me ajudaram com os seus relatos e conselhos.

RESUMO

A comunidade de Barra Grande, localizada no município de Vera Cruz - BA, uma vila de pescadores recheada de história, cultura e memórias. A pesquisa fez um recorte temporal entre os anos de 1970 e 2026, demonstrando as transformações ocorridas ao longo do tempo, evidenciando as mudanças no manejo da pesca e da forma como seus moradores se alimentavam e como vivem hoje. O povoado sobrevivia principalmente da pesca, da mariscagem, do cultivo de alguns produtos e da extração de algumas matérias primas da mata, refletindo uma relação direta com o meio ambiente. Mas com o progresso e a urbanização essa relação com hábitos tradicionais se perdeu. Atualmente a comunidade tem presente em seus hábitos alimentares muitos produtos industrializados. Além disso, as transformações culturais e sociais decorrentes desse “progresso” implicaram diretamente no modo de vida dessa comunidade. Portanto, o desenvolvimento trouxe vários benefícios, mas a localidade vem perdendo sua identidade cultural e a sua relação com o meio ambiente.

Palavras chave: Comunidade tradicional; Injustiça ambiental; Pesca artesanal; Soberania alimentar.

ABSTRACT

This study examines the community of Barra Grande, located in Vera Cruz, Bahia, Brazil, a fishing village rich in history and culture. The research covers the period from 1970 to 2026, highlighting changes in fishing practices, dietary habits, and the overall way of life of its residents. Historically, the community relied on fishing, shellfishing, small-scale farming, and natural resource extraction, maintaining a close relationship with the environment. However, urbanization and modernization have led to the erosion of traditional practices, with industrialized foods now playing a significant role in daily life. These cultural and social transformations have impacted the community's identity and environmental connection. While development has brought certain benefits, it has also contributed to the loss of cultural heritage and traditional ways of living.

Keywords: Artisanal fishing; Environmental injustice; Food sovereignty; Traditional community.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. A COMUNIDADE DE BARRA GRANDE - VERA CRUZ - BA: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E IDENTIDADE.....	12
2.1. Contexto histórico da Ilha de Itaparica.....	12
2.2. Localização geográfica e caracterização ambiental - Ilha de Itaparica, Vera Cruz - BA.....	13
2.3. Formação histórica: do pós-abolição à formação da vila de pescadores	
Organização social e comunitária nas décadas de 1970/80.....	15
2.4. Organização social e comunitária nas décadas de 1970/80.....	16
2.5. Barra Grande na atualidade: transformações territoriais e urbanísticas.....	18
3. REFERENCIAL TEÓRICO: NATUREZA, ALIMENTAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS.....	20
3.1. Relação sociedade-natureza: o comum e o uso da Natureza.....	20
3.2. Conceito de lugar, território, Globalização.....	21
3.3. Injustiça ambiental, conflitos sobre as águas.....	22
3.4. Soberania alimentar e modos de vida.....	23
4. PRÁTICAS TRADICIONAIS DE OBTENÇÃO DE ALIMENTOS (1970 e 1980).....	24
4.1 Pesca artesanal.....	24
4.1.1 Pesca de linha em alto mar.....	29
4.1.2 O calão.....	30
4.2 Agricultura de subsistência.....	33
4.2.1 Casa de farinha.....	34
4.3 Extrativismo vegetal.....	35
4.3.1 Os rios.....	37
5. TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NA ALIMENTAÇÃO E NOS USOS DAS RIQUEZAS NATURAIS.....	40
5.1 Mudanças nas formas de pesca e desaparecimento de técnicas coletivas, substituição de práticas tradicionais por alimentos industrializados.....	40
5.2 Acesso a mercados e novos modos de abastecimento e subsistência, impactos sociais e culturais.....	43
5.3 Relação da juventude atual com as práticas alimentares antigas.....	46

6. ANÁLISE DOS IMPACTOS NATURAIS E TERRITORIAIS.....	48
6.1 Transformações nos mangues, mar e matas, relação com a pesca e coleta..	48
6.2 Poluição e seus efeitos.....	52
6.2.1 Águas de Lastro.....	55
6.3 Efeitos da urbanização e da infraestrutura.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	64

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no debate ao investigar as transformações na obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente pela comunidade de Barra Grande, localizada na Ilha de Itaparica, pertencente ao município de Vera Cruz, na Bahia. O interesse pelo tema não é meramente acadêmico, mas nasce de uma vivência pessoal do autor, que pertence a uma geração que ainda testemunhou práticas tradicionais, como a pesca artesanal do calão, os mutirões comunitários e a produção de beiju de maneira coletiva na família. A questão mobilizadora da pesquisa está pautada e pode ser formulada da seguinte maneira: como os moradores da comunidade de Barra Grande obtinham e produziam alimentos nas décadas de 1970 e 1980 e como obtêm e produzem atualmente, e quais os efeitos dessas mudanças no vínculo da população local com o meio ambiente?

Para compor a pesquisa, tem-se o seguinte objetivo geral: compreender como os moradores da comunidade de Barra Grande, município de Vera Cruz - BA, obtinham e produziam alimentos nas décadas de 1970 e 1980 e como eles obtêm e produzem atualmente, analisando os efeitos das mudanças do vínculo da população local com o meio ambiente. Os objetivos específicos são: - documentar práticas tradicionais de pesca, coleta e preparo de alimentos; - registrar nomenclaturas locais relacionadas aos alimentos e modos de preparo; - investigar mudanças nas formas de obtenção de alimentos ao longo do tempo; - analisar os impactos sociais, culturais e ambientais dessas práticas provocados pela transformação da natureza.

A metodologia aqui descrita fundamenta-se nas diretrizes propostas por Antonio Carlos Gil (2008) e nas decisões tomadas pelo pesquisador durante o trabalho de campo realizado na comunidade de Barra Grande, este trabalho está estruturado em seis capítulos, além dos elementos pré e pós-textuais.

O capítulo dois apresenta a comunidade de Barra Grande, sua localização, formação histórica e organização social nas décadas de 1970/80 e na atualidade. Já o capítulo três discute o referencial teórico, abordando temas como relação sociedade-natureza; os capítulos quatro e cinco tratam, respectivamente, das práticas tradicionais de obtenção de alimentos nas décadas de 1970/80 e das transformações contemporâneas na alimentação e nos usos do meio ambiente. No capítulo seis analisam-se os impactos ambientais e territoriais, e por fim, este

trabalho traz as considerações finais, sintetizando os achados da pesquisa, apontando limitações e sugerindo caminhos para futuros estudos.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por buscar compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos moradores da comunidade de Barra Grande à sua relação com o mar, os manguezais, as matas e os modos de obtenção de alimentos. Com enfoque fenomenológico, “fenomenologia não é um sistema de pensamento. Ela é um método que nos leva a uma atitude radical frente às explicações científicas do mundo. Talvez por isso mesmo, a adesão ao método fenomenológico implique uma espécie de conversão a um novo modo de pensar o mundo natural e o mundo do espírito, para além das ciências naturais e das ciências do espírito, cuja tendência fundamental é reduzir a realidade do mundo à realidade dos fatos” (Guimarães, 2013). A abordagem qualitativa foi escolhida pelo autor, pois a pesquisa desenvolvida com este enfoque procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado, utilizando técnicas qualitativas e não estruturadas, segundo (GIL, 2008, p. 15).

A escolha pela metodologia qualitativa justifica-se por sua capacidade de apreender subjetividades e nuances culturais que não seriam captadas por métodos quantitativos. A abordagem qualitativa permite uma aproximação profunda da realidade estudada, respeitando as particularidades locais e oferecendo flexibilidade na coleta e análise dos dados. No caso específico de Barra Grande, onde as práticas alimentares tradicionais estão em processo de desaparecimento, a escuta sensível das narrativas dos moradores mais velhos é fundamental para o registro de saberes que não se encontram sistematizados em documentos escritos.

O método adotado foi a pesquisa de campo, com o intuito de estabelecer contato direto com os moradores da comunidade de Barra Grande. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, podendo ocorrer também pesquisa bibliográfica para embasamento teórico e contextualização histórica. O trabalho de campo foi realizado na comunidade de Barra Grande, município de Vera Cruz - BA, após a conclusão da pesquisa bibliográfica. Durante a imersão no campo realizada entre o final de 2025 e o início de 2026, o pesquisador estabeleceu contato com os moradores, frequentou espaços de convívio e realizou as entrevistas previstas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Não foram aplicados questionários, uma vez que a opção metodológica se concentrou na

profundidade das narrativas obtidas por meio das entrevistas. As entrevistas semiestruturadas constituíram a única técnica de coleta de dados primários desta pesquisa. Esse tipo de entrevista combina perguntas abertas a partir de um roteiro previamente elaborado, mas permite ao entrevistador flexibilidade na condução da conversa, podendo aprofundar questões que surgem no curso da interação. Foram entrevistadas nove pessoas, moradoras da comunidade de Barra Grande, selecionadas com base nos critérios de inclusão descritos no item 4.5. O roteiro das entrevistas contemplou os seguintes eixos temáticos, alinhados aos objetivos da pesquisa:

- Práticas tradicionais de pesca, coleta e preparo de alimentos (décadas de 1970/80);
- Nomenclaturas locais relacionadas a alimentos, técnicas e utensílios;
- Mudanças nas formas de obtenção de alimentos ao longo do tempo;
- Impactos sociais, culturais e ambientais percebidos;
- Conhecimento da juventude atual sobre práticas alimentares antigas.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em local de preferência do entrevistado, com duração variável. Todas as entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia do participante, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – cujo modelo encontra-se no Apêndice A e posteriormente transcritas na íntegra para análise.

Os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa, com base na interpretação e categorização das falas dos entrevistados. O material coletado será organizado em temas recorrentes, que reflitam as práticas e percepções da comunidade em relação à obtenção de alimentos e à preservação cultural.

O procedimento analítico adotado seguiu as seguintes etapas:

1. Transcrição: todas as entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra pelo pesquisador, preservando expressões locais, nomenclaturas específicas e, na medida do possível, as ênfases e pausas da fala dos entrevistados.
2. Leitura flutuante: realizou-se uma primeira leitura de todo o material transcrito para apreensão do sentido geral e identificação inicial de temas emergentes, sem rigidez categorial.

3. Categorização: os dados foram organizados em temas recorrentes, tanto aqueles previamente definidos a partir dos objetivos da pesquisa (práticas de pesca tradicional, nomenclaturas locais, mudanças ao longo do tempo, papel das mulheres), quanto aqueles que emergiram das falas dos entrevistados durante o trabalho de campo.
4. Interpretação e diálogo teórico: as categorias foram interpretadas à luz do referencial teórico adotado, estabelecendo diálogos entre as narrativas dos moradores e os conceitos da literatura especializada.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Critérios de inclusão:

- Moradores da comunidade de Barra Grande, Vera Cruz - BA;
- Pessoas com vivência direta ou indireta com práticas tradicionais de pesca, agricultura e alimentação, especialmente aqueles que viveram ou vivenciam essas experiências entre as décadas de 1970 e 1980 e aqueles que o fazem na atualidade;
- Concordância em participar voluntariamente da pesquisa, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Critérios de exclusão:

- Pessoas que não tenham interesse ou vínculo direto com a temática da pesquisa;
- Pessoas que não residem mais em Barra Grande ou que não tenham vínculo atual com a comunidade;
- Pessoas que não consentiram em participar da entrevista.

Reconhece-se como limitação a dificuldade em quantificar resultados e generalizar conclusões, o que reforça a necessidade de rigor na análise e na sistematização das informações obtidas.

Além dessa limitação inerente à abordagem qualitativa, acrescentasse como limitações:

1. Viés da memória: as informações referentes às décadas de 1970 e 1980 baseiam-se em relatos retrospectivos de moradores mais velhos, estando

sujeitas a esquecimentos, reelaborações e influências de experiências posteriores.

2. Amostra reduzida: embora às 09 entrevistas realizadas tenham fornecido material rico e consistente para a análise, não se pode afirmar que capturam toda a diversidade de experiências existentes na comunidade.
3. Viés do pesquisador: o autor possui vínculo afetivo com a comunidade e pertence a uma geração que ainda teve contato com algumas práticas tradicionais. Para minimizar esse risco, adotou-se uma postura reflexiva durante a coleta e análise dos dados, buscando fundamentar as interpretações no material transcrito e no diálogo teórico.

2. A COMUNIDADE DE BARRA GRANDE: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E IDENTIDADE

Para que se possa compreender as transformações nas práticas de obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra Grande, faz-se necessário, primeiramente, conhecer o território onde essa comunidade se constituiu, sua trajetória histórica e as formas de organização social que marcaram seu cotidiano. Este capítulo, portanto, apresenta a localização geográfica e as características ambientais da localidade, sua formação histórica a partir do período pós-abolição, a organização social e comunitária vigente nas décadas de 1970 e 1980, e, por fim, as principais transformações territoriais e urbanísticas observadas na Barra Grande atual.

2.1. Contexto histórico da Ilha de Itaparica

A Ilha de Itaparica foi avistada em 01 de janeiro 1501 por Américo Vespúcio junto com a Baía de Todos os Santos. Porém, foi em 1510, com a chegada do navegador português Diogo Álvaro Corrêa, conhecido como Caramuru, que sua história se inicia. Caramuru apaixonou-se pela indígena tupinambá Catarina Paraguaçu, filha do cacique Taparica, e casou-se com ela. Os indígenas Tupinambás foram os primeiros habitantes da ilha, o que deu origem ao seu nome (IBGE, 2026).

Segundo uma das lendas, o nome Itaparica vem do tupi e significa "cerca feita de pedras", em razão dos arrecifes que contornam toda a costa da ilha. A ocupação

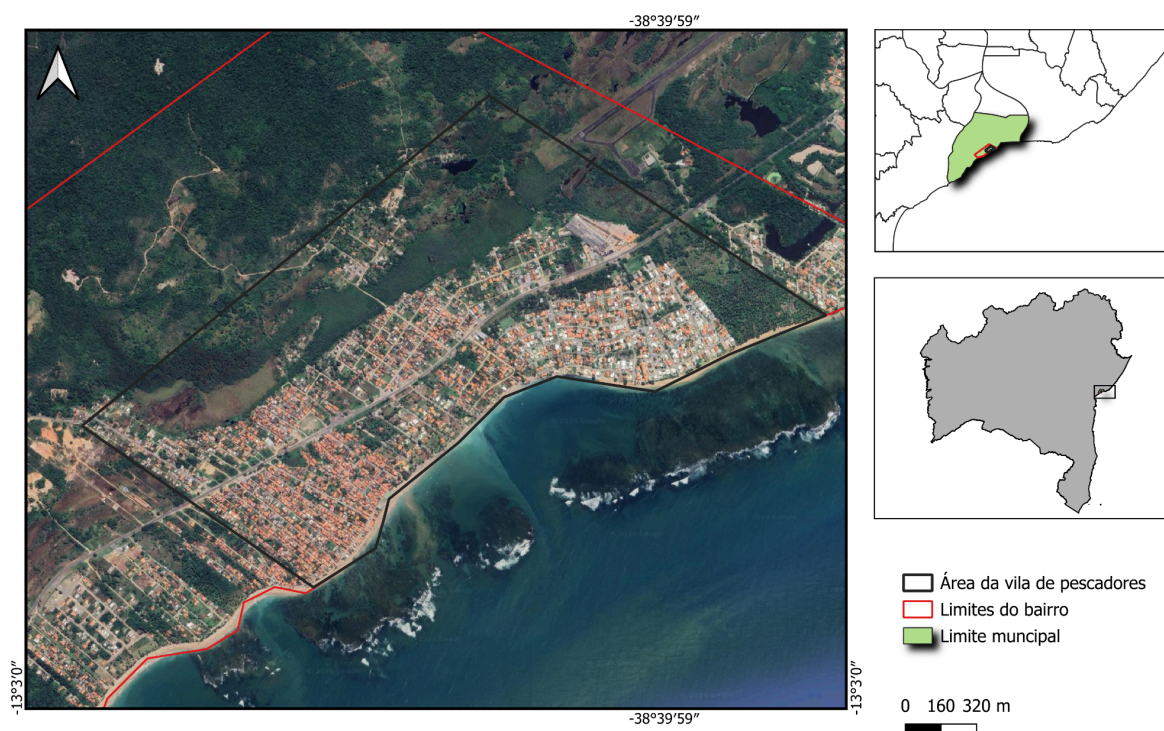
da ilha teve início com um pequeno núcleo de povoamento fundado por jesuítas na contracosta, em 1560, onde atualmente se localiza a Vila de Baiacu, então chamada de Vila do Senhor da Vera Cruz. Nesse período, foi iniciado ali o primeiro cultivo de cana-de-açúcar, assim como o plantio de trigo, e a ilha também recebeu os primeiros exemplares de gado bovino. Foi ainda em Baiacu que os religiosos construíram a primeira obra de engenharia hidráulica da colônia: uma barragem para o abastecimento de água potável e para os serviços da povoação (IBGE, 2026).

2.2. Localização geográfica e caracterização ambiental - Ilha de Itaparica, Vera Cruz - BA

A comunidade de Barra Grande está situada na Ilha de Itaparica, maior ilha da Baía de Todos-os-Santos, localizada na Região Metropolitana de Salvador, dentro da Baía de Todos-os-Santos. A ilha possui cerca de 40 km de extensão por 10 km de largura e é separada da cidade de Salvador por um canal de aproximadamente 15 km. Barra Grande pertence administrativamente ao município de Vera Cruz, município que ocupa a maior porção da ilha, enquanto o município de Itaparica ocupa uma porção menor ao norte da ilha, fonte (Prefeitura Municipal de Vera Cruz, 2026). localização demonstrada na figura 1, abaixo.

Figura 1 - Mapa de localização da comunidade

Localização comunidade de pescadores de Barra Grande



Fonte: Luan Barbosa Azevedo, Pesquisa de campo, 2026

Este mapa foi elaborado com o Sistemas de Referência Geodésicas - SIRGAS 2000, 24S - bases cartográficas: Estados e Municípios IBGE, 2025 e com os pontos de referência: Área da vila de pescadores e limites do bairro elaborados pelo autor, com dados não oficiais oriundos de relatos de alguns moradores.

A localidade de Barra Grande caracteriza-se por seu ambiente tipicamente costeiro, com praias de águas calmas devido à proteção da Baía de Todos-os-Santos, manguezais, restingas e fragmentos de Mata Atlântica. A pesca artesanal sempre foi favorecida pela rica biodiversidade marinha local, com uma grande variedade de espécies de peixes, crustáceos e moluscos, entre outros. Os manguezais, por sua vez, além de serem um grande berçário para a vida marinha, oferecem também matéria-prima para a coleta de moluscos e crustáceos, além de madeira e fibras vegetais utilizadas em construções e utensílios.

O clima da região é tropical quente e úmido, com temperaturas médias anuais em torno de 25°C e duas estações bem definidas: um período mais chuvoso entre abril e julho, e um período menos chuvoso de agosto a março. Fonte (IBGE, 2026) Esse regime climático influenciava o calendário agrícola tradicional e as

atividades de pesca e extrativismo, uma vez que os ventos e as marés determinavam as melhores épocas para cada prática.

Apesar da posição geográfica de Barra Grande, relativamente próxima a Salvador, a comunidade vivia em um certo isolamento, até a construção da estrada que posteriormente se tornaria a BA-001 (1991) junto com a ponte de funil (1960) e a chegada do ferry boat (1970), o acesso por vias marítimas dependia de fatores climáticos. Isso conferiu à comunidade um isolamento relativo que contribuiu para a manutenção de modos de vida tradicionais por várias décadas. Esse isolamento, como se verá adiante, começou a ser rompido de forma mais intensa a partir da década de 1970.

2.3. Formação histórica: do pós-abolição à formação da vila de pescadores

A origem da comunidade de Barra Grande, segundo relatos, remonta ao período imediatamente posterior à abolição da escravidão no Brasil (1888), quando antigos escravizados da Fazenda Parapatinga, uma das grandes propriedades rurais da Ilha de Itaparica, passaram a ocupar áreas próximas ao litoral, constituindo um pequeno núcleo habitacional. De acordo com relatos de moradores mais antigos, essas famílias libertas receberam partes das terras da antiga fazenda e nelas construíram suas moradias, estabelecendo ali suas famílias e seus meios de subsistência.

A escolha do local não foi aleatória: a proximidade com o mar e com os rios oferecia condições favoráveis à pesca e à coleta de mariscos, atividades que não exigiam grandes investimentos iniciais e que podiam ser praticadas de forma autônoma. Além disso, a área dispunha de terras propícias ao cultivo, em sistema de agricultura de subsistência. Dessa forma, Barra Grande constituiu-se como uma vila de pescadores e agricultores, cuja economia baseava-se no trabalho familiar e comunitário. Nas primeiras décadas do século XX, a comunidade cresceu de forma lenta e orgânica, mantendo uma organização social fortemente ancorada em laços de parentesco, vizinhança e solidariedade. As decisões sobre o uso dos recursos comuns (como as áreas de pesca, os manguezais e as terras de cultivo) eram tomadas coletivamente, e práticas como o mutirão e o "quião" (divisão igualitária do pescado) regulavam a vida econômica e social.

A presença do Estado era pequena: não havia energia elétrica, água encanada ou serviço regular de saúde. O médico do programa FUNRURAL (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural) visitava a localidade aproximadamente uma vez por mês, e as demandas cotidianas de saúde eram atendidas por parteiras e benzedeiras da própria comunidade. A educação restringia-se a duas escolas que ofereciam apenas as quatro primeiras séries do ensino fundamental, o que fazia com que a continuidade dos estudos dependesse do envio das crianças para Salvador ou Itaparica, possibilidade restrita a poucas famílias.

2.4. Organização social e comunitária nas décadas de 1970/80

As décadas de 1970 e 1980 correspondem, para Barra Grande, a um período de relativa estabilidade das práticas tradicionais, ainda que já começassem a surgir os primeiros sinais de transformações externas. A organização social da comunidade estava estruturada em torno de três eixos principais: a pesca coletiva, a agricultura de subsistência e o extrativismo, complementados pelo trabalho doméstico e de cuidado, majoritariamente exercido por mulheres.

A pesca ocupava o centro da vida comunitária. A modalidade mais emblemática era o calão (ou arrastão de praia), uma técnica de pesca coletiva que reunia homens, mulheres e, por vezes, crianças, numa atividade coordenada. Os pescadores lançavam a rede ao mar em semicírculo e, em seguida, todos os participantes puxavam as cordas simultaneamente, trazendo o peixe para a praia. Ao final, realizava-se a divisão de tudo que foi pescado, a divisão era uma maior parte para o dono da rede e do barco (essa maior parte muitas vezes era subdividida posteriormente entre os membros mais velhos da família que não podiam pescar), e igualitária entre todos os que haviam participado, independentemente do esforço individual ou da idade. Essa prática não apenas garantia a segurança alimentar de todos os envolvidos, mas também fortalecia os laços de solidariedade e pertencimento.

Além do calão, praticavam-se outras técnicas que serão melhor explicadas posteriormente: o muzuá (espécie de armadilha fixa para peixes), o abala poço (técnica que consiste em agitar a água dentro de poças formadas na maré baixa para capturar os peixes desorientados) e a mariscagem na beira da praia, que fornecia pinaúna, polvo e siri mole. A agricultura, embora secundária em relação à

pesca, também ocorria de forma comunitária, com destaque para o cultivo da mandioca, cuja farinha e o beiju eram produzidos coletivamente na casa de farinha.

As mulheres desempenhavam papel central nessa organização. Além da participação no calão, realizavam também a mariscagem, o beneficiamento do pescado (limpeza, secagem ao sol), o preparo dos alimentos, o cuidado com as crianças e idosos, além das práticas de cura e benzedura. As parteiras e benzedadeiras gozavam de grande prestígio e confiança na comunidade, sendo procuradas não apenas para partos e doenças, mas também para resolver "questões de encanto", essa relação entre religião e medicina era algo tão comum que alguns moradores ao tentar resgatar tal memória não conseguem descrever com precisão, conforme relato de Seu Cosme (94 anos):

Tinha um dentista na Penha. Para fazer uma consulta médica, tinha um que era... Eu não sei se era médico, ou era pai de santo, eu sei que resolvia como médico era ele. Era ele aqui em Conceição, depois ele mudou para Buraco do Boi. [...] Ele mudou para ali. A gente saía daqui para ir lá para fazer a consulta com ele (COSME, trabalho de campo, 2026).

A alimentação do período refletia essa organização: o peixe seco ao sol (na ausência de energia elétrica para refrigeração) era a base proteica, acompanhado por farinha de mandioca, beiju, tapioca, milho, feijão, inhame e outros produtos da roça. Frutas como banana, caju e manga, quando disponíveis, complementavam a dieta. Os produtos que não eram produzidos localmente, como café, açúcar, sal e querosene, chegavam por via marítima, em saveiros que atracavam na praia. Após 1979, começaram a chegar pela estrada através da CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento).

As moradias eram construídas em mutirão, demonstrado na Figura 2, com paredes de taipa (barro e madeira) e cobertura de palha ou telha de barro. A planta das casas era simples, geralmente um cômodo principal e um quarto, com um quintal onde se cultivavam pequenas hortas e se criavam algumas galinhas. A energia elétrica e a água encanada seriam introduzidas apenas mais tarde, alterando profundamente os ritmos e as possibilidades do cotidiano.

Figura 2 - Cena de mutirão para construção de casa de taipa do filme Barra Grande, Itaparica 1977



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica, 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

2.5. Barra Grande na atualidade: transformações urbanísticas

Das décadas de 1990 em diante, e de forma mais acentuada nos anos 2000 e 2010, Barra Grande passou por transformações significativas que reconfiguraram não apenas sua paisagem, mas também sua economia, sua vida social e sua relação com o meio ambiente.

A principal mudança infraestrutural foi a ampliação e asfaltamento da rodovia BA-001, que liga a comunidade a outras localidades da Ilha de Itaparica e, via ferry boat, a Salvador. Essa melhoria reduziu drasticamente o isolamento anterior, facilitando o fluxo de pessoas, mercadorias e serviços. Como consequência, o acesso a alimentos industrializados, bebidas, eletrodomésticos, materiais de construção e outras mercadorias tornou-se mais fácil e barato, mas isso também significou o enfraquecimento de algumas técnicas tradicionais.

A chegada da energia elétrica (ocorrida progressivamente entre os anos 1990 e 2000) e, posteriormente, da água encanada alterou radicalmente o cotidiano. A geladeira passou a permitir a conservação do pescado por mais tempo, reduzindo a necessidade da secagem ao sol. A televisão e a internet, por sua vez, expuseram especialmente os jovens a outros hábitos de consumo, outros modelos alimentares

(como fast food, refrigerantes, salgadinhos industrializados) e outras formas de lazer, frequentemente distantes das práticas tradicionais.

Outra transformação relevante foi o crescimento urbano desordenado. A especulação imobiliária, alimentada pelo turismo e pela construção de casas de veraneio (muitas delas pertencentes a pessoas de fora da comunidade), elevou o preço dos terrenos e tensionou o acesso à terra por parte das famílias tradicionais. Novos loteamentos foram abertos, áreas de mangue e restinga foram aterradas ou degradadas, e a paisagem da praia, antes ocupada apenas pelos barcos de pescadores e pelas redes de secagem, passou a abrigar barracas de praia, pousadas e restaurantes voltados para visitantes.

No plano econômico, a pesca artesanal sofreu um declínio acentuado. As técnicas coletivas como o calão quase desapareceram, substituídas por pescarias individuais ou em pequenos grupos, frequentemente com uso de motores de popa e, em alguns casos, de equipamentos mais agressivos como o uso de bomba durante um período. A redução do estoque pesqueiro, atribuída tanto à sobrepesca quanto à degradação dos manguezais e à poluição, tornou a atividade menos rentável, levando muitos pescadores a abandonar a profissão ou a combinar a pesca com outras ocupações (construção civil, comércio, serviços turísticos).

A agricultura de subsistência praticamente desapareceu. As roças de mandioca, milho e feijão deram lugar a bares, restaurantes ou a terrenos ocupados por habitações. A produção de farinha, beiju e tapioca, antes comum nos quintais, tornou-se residual. A alimentação da comunidade passou a depender majoritariamente de mercados e mercearias.

No plano social, observa-se uma ruptura geracional no que se refere ao conhecimento das práticas tradicionais. Os moradores mais velhos (acima de 60 anos) ainda se lembram do calão, do quião, do abala poço, das nomenclaturas locais (como "muzuá" e "Poita") e dos modos de preparo antigos. A juventude, porém, em sua maioria, desconhece essas práticas ou as conhece apenas por relatos, sem ter vivenciado nenhuma delas. Essa ruptura está no centro da justificativa deste trabalho e será analisada com mais profundidade nos próximos capítulos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO: NATUREZA, ALIMENTAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que orientam a análise das transformações nas práticas alimentares e nos usos do meio ambiente em Barra Grande. Mobilizam-se as noções de sociedade e natureza superando o dualismo homem-natureza (Santos, 1977), lugar e globalização (Santos, 2000), injustiça ambiental e racismo ambiental (Pacheco, Porto & Rocha, 2013; Pacheco & Faustino, 2013), bem como soberania alimentar e modos de vida tradicionais (Pacheco, Porto & Rocha, 2013).

3.1. Relação sociedade-natureza: o comum e o uso da Natureza

A relação entre a comunidade de Barra Grande e a “sua” natureza, mar, mangues, matas e rios, não pode ser compreendida a partir de uma visão dualista que separa sociedade e natureza. Como propõe Milton Santos (1977, p. 82), é necessário “aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza”, uma vez que “Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma Segunda Natureza”. Essa perspectiva teórica é fundamental para analisar as práticas tradicionais de pesca, coleta e agricultura de subsistência em Barra Grande, nas quais o trabalho dos moradores “o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta” (Santos, 1977, p. 82) não se opõe à natureza, mas a transforma continuamente em espaço vivido.

Nesse sentido, a pesca do calão, o sistema do quião, a mariscagem na beira da praia, o cultivo da mandioca e a produção coletiva de farinha e beiju são expressões de uma relação na qual “a sociedade e ‘sua’ natureza, isto é, a porção da ‘natureza’ da qual ela extrai sua produção, são indivisíveis e conjuntamente chamam-se ‘formação social’” (Santos, 1977, p. 88). O desaparecimento progressivo dessas práticas, observado em Barra Grande a partir das décadas de 1990 e 2000, não representa apenas uma mudança técnica, mas uma reconfiguração profunda dessa unidade entre sociedade e natureza. O espaço deixa de ser produzido coletivamente pelos pescadores e agricultores locais e passa a ser organizado por

lógicas externas como o turismo, especulação imobiliária e mercadorização dos alimentos.

3.2. Conceito de lugar e globalização

A análise das transformações ocorridas em Barra Grande exige a compreensão de como processos globais e nacionais reconfiguram lugares específicos. Embora as teses pós-modernistas sugiram "que o espaço não existe, a região não existe, e o lugar também não existe mais" (Santos, 2000 p. 34), a realidade da comunidade baiana demonstra o contrário: os lugares seguem sendo "condição e suporte de relações globais que, sem eles (lugares), não se realizariam" (Santos, 2000 p.35). A rodovia BA-001, a chegada da energia elétrica, o acesso a alimentos industrializados e a especulação imobiliária são manifestações concretas dessas relações globais que se materializam no lugar.

Nenhum subespaço do planeta, incluindo Barra Grande, "pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização" e é (Santos, 2000 p. 35) pelo lugar que "o mundo é percebido empiricamente" (Santos, 2000, p. 35). As transformações na forma de pagar pela alimentação (Cartões de crédito, substituindo as trocas da força de trabalho por uma parte do que fosse produzido) e nos usos do meio ambiente (declínio das técnicas de pesca por parte dos mais jovens, pelo uso da internet) são formas pelas quais a globalização se faz presente no cotidiano dos moradores.

O conceito de horizontalidades (proximidade espacial, solidariedade por contiguidade) e verticalidades (proximidade organizacional, relações à distância) como "novos recortes territoriais na era da globalização" (Santos, 2000 p. 36) ajuda a compreender o enfraquecimento das práticas comunitárias em Barra Grande. As colaborações e horizontalidades de antes já não existem mais ou foram bastante alteradas.

O lugar, para Santos, não é passivo, "mas como globalmente ativo" (Santos, 2000 p. 38). Em Barra Grande, apesar das transformações, ainda persistem resistências e saberes que apontam "a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos" (Santos, 2000 p. 39). O registro e a valorização das memórias alimentares e das práticas tradicionais, propostos neste TCC, alinham-se a essa possibilidade.

3.3. Injustiça ambiental e conflitos sobre as águas

As transformações em Barra Grande não são neutras do ponto de vista ambiental e social. Elas se inscrevem em um quadro mais amplo de injustiça ambiental, conceito que, conforme Pacheco, Porto e Rocha (2013 p. 35), implica "reconhecer tais populações como portadoras de direitos, tornando públicas vozes, frequentemente discriminadas e invisibilizadas pelas instituições e pela mídia, que clamam por justiça". A pesquisa adota uma postura de "ciência engajada ou cidadã" (Irwin, 1995; Martinez-Alier, 2009 *apud* Pacheco, Porto & Rocha, 2013, p. 35), demandando "uma posição ética solidária com essas populações" (Pacheco, Porto & Rocha, 2013, p. 35).

No caso da pesca artesanal em Barra Grande, observa-se um conflito implícito, e por vezes explícito, pelo uso dos recursos hídricos e costeiros. A degradação dos manguezais, a poluição da Baía de Todos-os-Santos e a redução dos estoques pesqueiros são exemplos de impactos que afetam desproporcionalmente as populações tradicionais. Conforme as autoras, o conceito de promoção da saúde "implica incorporar a defesa dos direitos humanos fundamentais, a redução das desigualdades e o fortalecimento da democracia na defesa da vida e da saúde", incluindo "o direito à terra, aos alimentos saudáveis, à democracia, à cultura e às tradições, em especial das populações atingidas e frequentemente vulnerabilizadas e discriminadas" (Pacheco, Porto & Rocha, 2013, p. 36).

A sobreposição de atividades econômicas (turismo, especulação imobiliária, transporte marítimo) sobre territórios tradicionalmente ocupados por pescadores artesanais, ribeirinhos e marisqueiras reproduz, em escala local, a lógica descrita pelas autoras: "no Brasil é nos bairros pobres das periferias urbanas (visivelmente de maioria negra) e nos territórios indígenas, quilombolas e das outras comunidades tradicionais que se instalam as indústrias químicas; o agronegócio dos agrotóxicos; as mineradoras; as hidro e termelétricas" (Pacheco & Faustino, 2013, p. 90-91). Nesse contexto, no município expressa-se pela presença da empresa multinacional The Dow Chemical Company que explora salgema e impulsiona forte fluxo do tráfego marítimo internacional.

O conceito de racismo ambiental, formulado por Chavis (1993) *apud* Pacheco & Faustino (2013, p. 84-85) e incorporado pelas autoras brasileiras, ajuda a

compreender por que as populações tradicionais como as de Barra Grande são desproporcionalmente afetadas pelas transformações territoriais e ambientais. Ao mesmo tempo que são excluídas "dos processos decisórios" (Pacheco & Faustino, 2013, p. 91), a "piora na qualidade de vida," principal problema de saúde apontado pelas populações atingidas em todo o Brasil (Pacheco, Porto & Rocha, 2013, p. 65), é também sentida pelos pescadores de Barra Grande, que veem diminuir seus estoques pesqueiros, degradar seu território e enfraquecer sua cultura alimentar.

3.4. Soberania alimentar e modos de vida (extrativismo, pesca artesanal)

A soberania alimentar é um conceito multidimensional que emerge em oposição ao modelo produtivo capitalista, caracterizado pela transformação dos alimentos em mercadoria. Guerra e Silva (2022, p. 2200) definem-na como o direito dos povos de escolherem como organizarão seus meios de acesso, produção e consumo de alimentos sem degradar o ambiente. O conceito foi formalizado pela Via Campesina, em 1996, como "o direito de cada nação para manter e desenvolver sua própria capacidade de produzir alimentos básicos, respeitando a diversidade cultural e produtiva". A soberania alimentar tem na luta pelo acesso aos recursos produtivos sua essência, sendo contrária ao "sistema do alimento-mercadoria" (Guerra & Silva, 2022, p. 2203).

Pacheco, Porto e Rocha (2013 p. 66) definem soberania alimentar como "o direito dos povos e comunidades a produzir, comercializar e consumir seus alimentos de acordo com sua cultura e modo de vida, garantindo tanto o seu sustento como sua reprodução social e a preservação da natureza e da sua saúde".

No Mapa de Conflitos, pescadores artesanais aparecem em 14,8% dos casos registrados (Pacheco, Porto & Rocha, 2013, p. 53), sendo diretamente afetados pela degradação de manguezais e pela poluição hídrica. Para comunidades como Barra Grande, a perda da soberania alimentar manifesta-se na substituição de práticas tradicionais de pesca, devido a perda de estoque pesqueiro, causado pela poluição que afasta ou mata os animais, que faz com que os pescadores precisem recorrer a outras formas de adquirir alimento, diferentes da maneira como obtinham no passado.

Outro ponto é o abandono das práticas de agricultura de subsistência que complementavam a alimentação, especialmente no inverno, quando não se podia

pescar causando a substituição dos alimentos obtidos localmente por produtos industrializados, comprados no mercado ou em supermercados, alterou não apenas a dieta alimentar da comunidade, mas também a relação dos moradores com o território e com as tradições culinárias e culturais que estavam associadas à pesca e à agricultura.

Por fim, a juventude local, ao deixar de aprender e de praticar as atividades tradicionais de pesca, mariscagem e plantio, perde o contato com os conhecimentos que durante gerações garantiram a soberania alimentar da comunidade. Dessa forma, a perda da soberania alimentar em Barra Grande não é apenas uma questão de acesso a alimentos, mas sim um processo mais amplo de transformação dos modos de vida, enfraquecimento da autonomia comunitária e ruptura da transmissão intergeracional dos saberes tradicionais.

4. PRÁTICAS TRADICIONAIS DE OBTENÇÃO DE ALIMENTOS (1970 e 1980)

Na década de 1970, Barra Grande vivia em um estado de isolamento parcial. Embora a ponte oficialmente denominada João das Botas, mas conhecida popularmente como Ponte do Funil, tivesse sido construída recentemente, o acesso à vila de pescadores ainda era feito, na maioria esmagadora das vezes, por meio do mar. Em razão desse relativo isolamento, os moradores precisavam desenvolver seus próprios meios para obter alimento. Diante disso, neste capítulo procurou-se registrar, por meio da utilização de entrevistas, algumas das estratégias que essas pessoas empregavam para produzir esses alimentos.

4.1 A pesca artesanal

A pesca ocupava o centro da vida comunitária de Barra Grande. A relação que as pessoas estabeleciam com o mar não se limitava à obtenção de alimentos; o mar também ajudava a organizar o tempo, as relações sociais e o trabalho. O mar desempenhava ainda o papel de escola, demonstrando um aspecto da indivisibilidade da relação homem e natureza conforme Santos (1977 p.88) "Esta sociedade e 'sua' natureza, isto é, a porção da 'natureza' da qual ela extrai sua produção, são indivisíveis e conjuntamente chamam-se 'formação social'". Visto que a grande maioria das pessoas entrevistadas afirmou ter começado nas atividades de pesca ainda durante a infância. Davi, 40 anos, recorda que começou a pescar por

volta dos 6 anos de idade, aprendendo com "meu avô, meu pai, meus tios" (Davi, trabalho de campo, 2026). Jorge, 61 anos, também relata que aprendeu "com o tio, com o meu pai, meus pais, como sempre, desde pequeno" (Jorge, trabalho de campo, 2026). Denivalda, 56 anos, iniciou ainda mais cedo: "Com a pesca, desde os meus 6 anos de idade eu pescava com minha avó" (Denivalda, trabalho de campo, 2026).

As principais modalidades de pesca artesanal que existiam na época na comunidade eram as seguintes:

- Pesca de Vara, que consistia em uma vara de bambu ou um pedaço fino de alguma árvore, com uma linha de nylon e um anzol na ponta;
- Pesca de Tarrafa, caracterizada por uma rede circular de nylon com um peso de chumbo ao redor para ser lançada sobre os peixes;
- Pesca de Linha em alto mar, que utilizava apenas uma linha de nylon com anzol;
- Abala Poço, que consistia em entrar numa piscina natural com uma rede de pesca à procura de peixes que haviam ficado presos com a maré baixa;
- Mariscagem, que era a busca nos corais durante a maré baixa por polvos, pinaúna e outros frutos do mar;
- Muzuá, que era uma pesca feita com uma armadilha de palha de coqueiro;
- Calão, um modo de pesca comunitária no qual muitas pessoas se reuniam para puxar uma rede de muitos metros até a praia ou para colocá-la sobre o barco.

Todas essas formas de pescar, juntamente com aquilo que se plantava, eram o que garantia a alimentação das pessoas quando as condições do tempo não permitiam pescar, conforme relatam Seu Jarrinho "Acordava todo dia quatro horas da manhã, o tempo bom eu saía" (Jarrinho, trabalho de campo, 2026) e Clóvis "No verão, todas as famílias aqui pescavam, ou mariscavam. No inverno, pegar o peixe, secar o peixe, que não era pouco peixe, era muito peixe, secar o peixe no sol, para o inverno" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Alguns desses modos de pescar que eram realizados naquele período e atualmente estão registrados nas Figuras 3 a 8 (lançamento da Tarrafa, pesca de vara, mariscagem)

Figura 3, 4 - Lançamento da Tarrafa, cena do filme *Barra Grande, Itaparica* 1977



Fonte: Fotogramas do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 5 - Foto da pesca com tarrafa 2026



Fonte: AZEVEDO, trabalho de campo, 2026.

Figura 6 - Pesca de Vara, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 7 - Mariscagem, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 8 - Mariscagem 2026



Fonte: AZEVEDO, trabalho de campo, 2026.

É importante registrar que todas essas técnicas de pesca permanecem sendo utilizadas por alguns moradores atualmente, sendo um registro vivo desse modo de vida tão importante para a comunidade. No quadro 1 demonstra-se a nomenclatura de alguns desses peixes pescados na comunidade de Barra Grande e como os moradores analisam a ocorrência desses peixes nos dias atuais.

Quadro 1 – Barra Grande: peixes comuns na comunidade e percepção dos moradores sobre a sua ocorrência, 2026

Peixe, molusco, crustáceo	Status/percepção de ocorrência
Agulha	Diminuiu em tamanho e quantidade
Arraia	Normal
Badejo	Diminuiu em quantidade
Cação	Normal
Camarão	Desapareceu
Caramuru	Normal
Guaricema	Diminuiu em quantidade
Lagosta	Diminuiu em tamanho e quantidade
Peixe espada	Desapareceu
Peixe pena	Desapareceu
Peixe porco	Desapareceu
Pinaúna	Normal
Poita	Diminuiu em quantidade
Polvo	Diminuiu em tamanho e quantidade
Rabo aberto	Diminuiu em quantidade
Sardinha	Normal
Siri boia	Desapareceu
Sororoca	Diminuiu em quantidade
Vermelho	Diminuiu em quantidade
Xixarro	Desapareceu

Fonte: AZEVEDO, trabalho de campo, 2026.

4.1.1 A pesca de linha em alto mar

Essa era provavelmente a modalidade mais perigosa exercida pelas pessoas da comunidade na época. Os pescadores saíam com seus Saveiros Vela Pena, pois quase ninguém possuía embarcações a motor naquele período e, nesse modo de pesca podiam ficar até uma semana pescando enfrentando diversos perigos, como relatam alguns entrevistados, como Seu Djalma conhecido na comunidade como Jarrinho: “Eu só dormir, linha, saía segunda e voltava sexta e sábado” (Jarrinho, trabalho de campo, 2026) e Zulmira “lá para o mar cedo e dependendo do tempo, eles dependiam do tempo para ir para o mar. E até houve muitos naufrágios por estar lá no mar e o tempo virar” (Zulmira, trabalho de campo, 2026).

Se a pescaria fosse boa, por não ter como conservar e não ter para quem vender em grande quantidade, o peixe era imediatamente levado para ser vendido tanto nas imediações, quanto em Salvador, conforme demonstra esses dois relatos de Jarrinho: “Vendia, aqui em Conceição, tinha peixeiro, vendia no Paes Mendonça” (Jarrinho, trabalho de campo, 2026)

Porque antigamente botavam a rede aí no mar, dava qualidade de peixe, tanto que não tinha quem comprasse aqui, botavam no saveiro aqui para levar para Salvador. Saveiro, a vela, para levar o peixe para vender em Salvador (COSME, trabalho de campo, 2026).

A Figura 9 demonstra dois Saveiros Vela Pena, o mesmo tipo de embarcação que era utilizado para a pesca de linha e para levar os peixes para serem vendidos em Salvador - BA.

Figura 9 - Cena de Saveiros Vela Pena do filme *Barra Grande, Itaparica* 1977



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

4.1.2 O Calão

O calão representava a técnica de pesca coletiva mais marcante da comunidade. Tratava-se de um método que exigia a participação comunitária em todas as suas fases, mesmo com a rede pertencendo a uma única família, a pesca de calão era desenvolvida por membros diversos da comunidade e até pessoas de fora da comunidade. Conforme Clóvis confirma, apenas dois núcleos familiares possuíam rede de calão: "Que só tinha duas redes, quem tinha rede era Guiomar e Tio Licinho, que tinha rede de arrastão" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Devido ao peso extremamente elevado da rede (aproximadamente 500kg), era necessário contar com muitas pessoas, tanto para transportá-la do local onde ficava armazenada até o barco no qual a atividade seria realizada, quanto para puxá-la de volta até a praia.

Essa prática mobilizava a comunidade por inteiro, e a quantidade de peixes capturada era abundante, com destaque para o xixarro e a sardinha. Ao término da pescaria, todas as pessoas que haviam participado tinham direito ao seu "quião ou quinhão", que consistia em uma divisão visualmente igualitária, já que não era possível pesar e contar cada um dos peixes de tudo aquilo que fora pescado. O proprietário do barco e da rede ficava com uma porção ligeiramente maior, destinada a cobrir eventuais custos de reparo.

Esse peixe posteriormente era limpo e preparado, pois a comunidade não tinha energia elétrica e precisava secar o peixe para comer em outros momentos conforme relata Maria de Fátima.

E o que eu lembro da pesca era quando a rede, o calão, ia pescar. Que minha avó tinha calão. Eu lembro que vinha e a gente juntava muita gente para poder escamar aquele peixe. Porque era muito peixe que a rede pegava, xixarro e sardinha, e outros peixes variados de nomes, mas a maior quantidade era xixarro e sardinha. Escamava aqueles peixes para fazer espeto, botava no sal e botava para secar. E naquela época não se tinha geladeira. Depois que começou a ter a geladeira de a gás, mas aí tinha que secar aquele peixe para levar para vender em São Joaquim ou em outra comunidade (MARIA DE FÁTIMA, trabalho de campo, 2026).

As figuras 10, 11 e 12 demonstram algumas etapas da pesca de Calão.

Figura 10 - Puxada da rede, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 11 - Peixes na rede, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 12 - Tirando a rede do mar, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Já o transporte do pescado era feito por meio de balaio e estes confeccionados na própria comunidade, com materiais disponíveis na época, como cipós, Figura 13.

Figura 13 - Balaio com o peixe pescado, cena retirada do filme *Barra Grande, Itaparica* 1977



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

O Quadro 2 traz as técnicas de pesca da comunidade, que podem ser técnicas coletivas, praticadas necessariamente por um grande grupo de pessoas; técnicas individuais ou técnicas praticadas por pequenos grupos de pescadores. Vale ressaltar que algumas modalidades não necessariamente precisam ser realizadas em grupo, tradicionalmente é praticada por mais de um pescador, algumas modalidades podem ser praticadas também de modo individual, a tabela traz também as características principais dessas práticas e seu status mediante percepção dos próprios moradores durante as entrevistas.

Quadro 2 - Técnicas de pesca e seus tipos, características e status segundo a percepção dos moradores

Técnica	Tipo	Características	Status
Calão	Coletiva	Rede lançada em semicírculo; todos puxavam; divisão do quião	Em risco
Muzuá	Individual/	Armadilha fixa	Praticamente

Quadro 2 - Técnicas de pesca e seus tipos, características e status segundo a percepção dos moradores

Técnica	Tipo	Características	Status
	pequenos grupos		desapareceu
Abala poço	Pequenos grupos	Busca por peixes desorientados	Praticamente desapareceu
Pesca de vara	Individual	Pesca nas pedras ou na beira da praia	Ainda utilizada
Mergulho	Individual/pequenos grupos	próximo ao recife de coral; águas pouco profundas	Ainda utilizada
Mariscagem	Individual	Sobre os recifes de coral; com a maré seca; necessário reconhecer as locas dos animais	Ainda utilizada
Pesca de linha	Individual/pequenos grupos	muitos dias em alto mar	Em risco

AZEVEDO, trabalho de campo, 2026.

4.2 Agricultura de subsistência

Algumas famílias que viviam na comunidade também se dedicavam ao plantio de roças ou pequenos cultivos como forma de complementar a alimentação do dia a dia. Especialmente durante o período do inverno, quando as condições climáticas ficavam mais adversas e a saída para o mar para realizar as atividades de pesca ficava seriamente comprometida, seja pelo mar revolto, seja pelas chuvas intensas ou pelos ventos fortes. Essa informação é confirmada pelo relato de Clóvis, que descreve essa prática como uma estratégia importante para garantir o sustento das famílias nos momentos em que a pesca não podia ser realizada: "No inverno, sobreviver de que? Roça. Toda a família para o mato. Abrir roça, fazer roça, plantar mandioca, plantar aipim" (Clóvis trabalho de campo, 2026).

Porém, a maioria das famílias que viviam na comunidade não possuía terras próprias ou qualquer tipo de propriedade que lhes permitisse realizar o plantio de alimentos de maneira regular e estável. Em consequência disso, as pessoas que não tinham espaço disponível, e, dentro de seus próprios quintais, cultivavam aquilo que iriam consumir, como relata Jorge "Não tinha roça, sim, mas plantava no fundo do quintal, algumas coisas assim" (Jorge, trabalho de campo, 2026). Já outros precisavam buscar outras alternativas. Assim, alguns pediam permissão aos donos

da terra, para utilizar áreas que não estavam sendo utilizadas, enquanto outros recorriam a uma solução mais extrema e ocupavam a área, sem qualquer autorização formal. Os terrenos, na maioria das vezes, localizavam-se nas proximidades do Rio da Tapera, e era nessas áreas que faziam as suas plantações para garantir um mínimo de complemento alimentar para suas famílias, principalmente no período do inverno. “Era bem individual, as famílias invadiam a terra assim, pediam um pedaço de terreno da pessoa, plantavam, o terreno era daquela pessoa, só plantavam e usufruíam daquilo que plantava mesmo, que eram pequenas coisas” (Zulmira trabalho de campo, 2026).

Mesmo com essas dificuldades, a variedade de alimentos era muito grande, sendo listados durante as entrevistas: mandioca brava (usada para farinha), aipim ou mandioca mansa (consumida cozida), batata-doce, cana-de-açúcar, melancia, abóbora, mamão, banana (pé de banana), feijão. A maior parte dos entrevistados relatou que esses alimentos eram utilizados para subsistência, mas aquilo que fosse excedente poderia ser vendido.

4.2.1 Casa de farinha

Um elemento que surgiu durante a realização das entrevistas, quando perguntados sobre o que se plantava, foi a existência de casas de farinha destinadas ao beneficiamento da mandioca. Todo o trabalho relacionado a esse processo de transformação da mandioca em farinha e outros derivados, era executado de maneira estritamente familiar, ou seja, envolvendo os próprios membros da família. Porém, outras pessoas da comunidade que auxiliassem no processo de alguma forma recebiam uma parte do que fosse produzido. Além disso, havia distinções claras em algumas etapas desse processo, com tarefas específicas sendo atribuídas aos homens e outras sendo reservadas às mulheres, conforme relatam Maria de Fátima, Denivalda e Seu Cosme em seus depoimentos.

Quem plantava trazia a mandioca da roça. Trazia e ia para casa de farinha e raspava a mandioca. Juntava a família toda para raspar a mandioca, para ralar a mandioca, para fazer a farinha e fazer beiju (DENIVALDA, trabalho de campo, 2026).

Sobre a divisão do trabalho:

Os homens seavam porque tinha uma máquina de sevar. Seava essas mandiocas e botava para prensar. Tirava a goma. E aí era trabalho dos

homens junto com as mulheres (MARIA DE FÁTIMA, trabalho de campo, 2026).

Meu pai plantava mandioca. Minha avó fazia também a farinha, porque ela tinha uma casa que fazia farinha, então fazia beiju, bolo, fazia essas coisas todas (DENIVALDA, trabalho de campo, 2026)

Os homens arrancavam a mandioca, botavam no animal, traziam para a casa de farinha. Era menina, era mulher, era... A família toda. Entravam muitas vezes pessoas de fora, vinham ajudar e ganhavam sua parte. É, não tinha aquela cota de... só vou por tanto como tem hoje, não. Era do que foi produzido (Cosme, trabalho de campo, 2026).

Demonstrando mais uma vez o quanto que a comunidade era ancorada pelos laços de solidariedade, vizinhança e parentesco.

4.3 Extrativismo vegetal

A relação que a comunidade estabelecia com a natureza não se manifestava unicamente por meio do mar. Outros elementos do ambiente natural, tais como a mata que circundava a região e os rios que cortavam ou margeavam o território, também foram mencionados ao longo das entrevistas realizadas com os moradores. Esses elementos apareceram nos relatos, principalmente na condição de fornecedores de recursos essenciais para o funcionamento da rotina diária da comunidade naquela época, oferecendo materiais, alimentos e outras condições que ajudavam as pessoas a viver e a realizar suas atividades cotidianas, desde as mais simples até as mais complexas.

O conhecimento tradicional acerca desses elementos naturais era de suma importância para a vida da comunidade, especialmente por se tratar da única forma disponível na época para a construção das casas e dos barcos. Estes eram, possivelmente, as duas principais e mais complexas estruturas construídas pelos moradores naquela época, mas não eram as únicas, cestos de palha ou cipó retirados da mata, eram essenciais para a confecção do muzué, balaio (cestos grandes feitos de cipó feitos para carregar grandes quantidades de pescado, normalmente utilizado no calão), cofo (cesto pequeno feito de cipó, utilizado normalmente na pesca de vara), muzué (armadilha de palha) caçuá (cesto de palha que é colocado em ambos os lados do animal de carga para transportar a carga). Sem esse saber acumulado e transmitido entre gerações, seria praticamente inviável para aquelas pessoas obterem da mata os recursos necessários para erguer suas

moradias e para fabricar as embarcações que lhes permitiam se deslocar e, também pescar.

Um exemplo desse conhecimento, descrito minuciosamente por Clóvis em seu depoimento, diz respeito a regras específicas relacionadas às diferentes fases da lua, que orientavam o momento adequado para a retirada da madeira a ser utilizada nessas construções. Conforme ele relata: "Até para tirar madeira, antigamente, o mastro do saveiro só podia tirar no escuro. Depois da lua cheia, os primeiros três dias é o escuro, então não tem lua, aí a madeira não dá bicho. Só tira madeira no escuro" (Clóvis trabalho de campo, 2026). Esse relato demonstra como o conhecimento tradicional incorporava observações minuciosas dos ciclos naturais para garantir a qualidade e a durabilidade dos materiais extraídos.

Além de seu papel nas construções, o conhecimento sobre esse elemento da natureza também servia para fazer medicamentos naturais e como uma fonte complementar de renda para as famílias que residiam na comunidade. Clóvis recorda, por exemplo, que seu tio Manuel desenvolvia uma atividade econômica baseada no extrativismo vegetal: "levava palha de coqueiro, palha que tirava os cocos aqui e levava palha pra vender em Salvador. Pra vender nas caieiras" (Clóvis trabalho de campo, 2026). Essa palha, obtida dos coqueiros existentes na região, constituía um produto do extrativismo vegetal praticado localmente, juntamente com o dendê, o coco e o carvão vegetal, que também eram extraídos diretamente da natureza e comercializados pelos moradores da comunidade na época como forma de obter algum recurso financeiro para suprir outras necessidades do dia a dia, outra fala que ilustra essa situação é a fala de Seu Cosme:

Aquela fazenda, vamos dizer, isso era aquela fazenda do Alambique. Começava com três subidores de coqueiro aqui na frente, quando chegava na outra ponta, o daqui já estava querendo que tire novamente. Era tanto coqueiro que tinha, eu, subidor subia nesse coqueiro, eu descia e marcava aqui, um pé, outro, dois pés, e os coco que caía, eu juntava tudo num lugar só, pra aquela ruma, pro animal, quando chegasse, pegar tudo junto ali no lugar. Eu pegava e levava pro depósito (COSME, trabalho de campo, 2026).

Essa atividade pode ser lembrada por meio de registros realizados na década de 1970, nas imagens 14 e 15, conforme segue.

Figura 14 - Retirada do coco em *Barra Grande*, 1977



Fonte: Fotograma do filme *Barra Grande*, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 15 - Crianças coletando coco e colocando no caçuá do animal em 1977



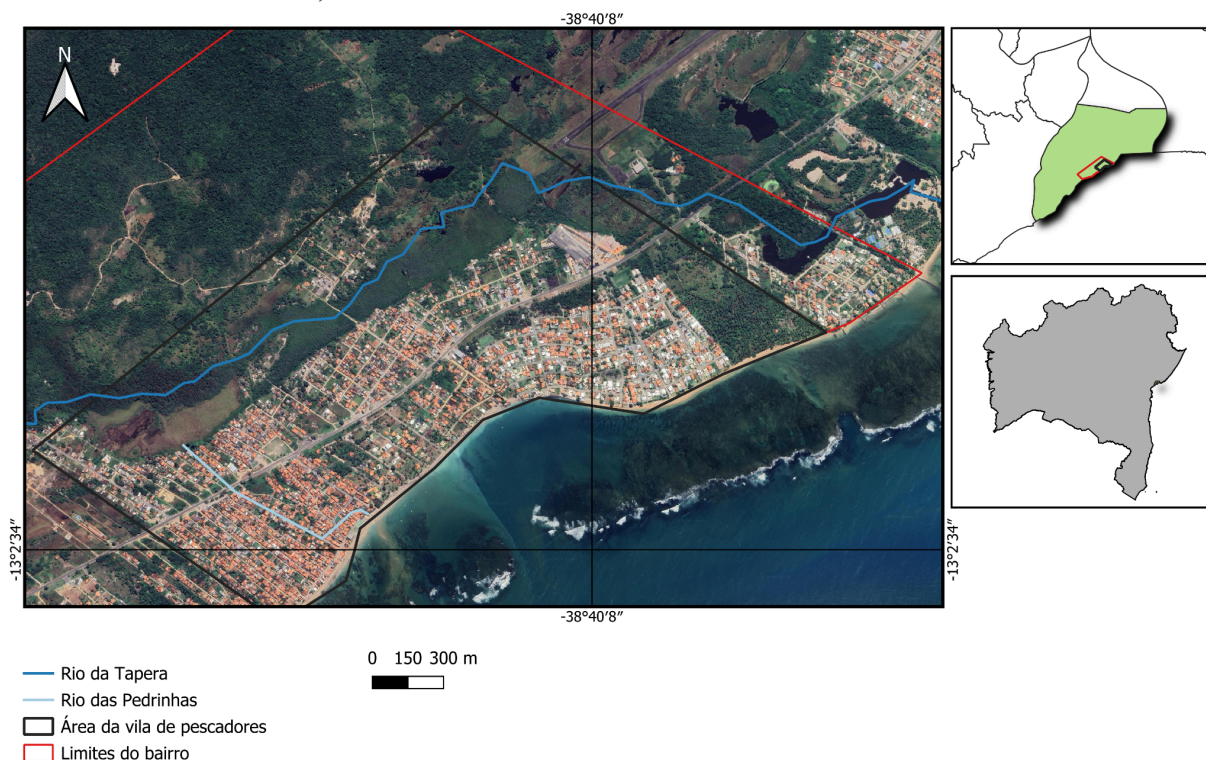
Fonte: Fotograma do filme *Barra Grande*, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

4.3.1 Os rios

Os rios presentes na comunidade exerciam também um papel crucial no cotidiano das pessoas que ali viviam. A vila de pescadores possuía dois rios: um chamado Rio das Pedrinhas e outro denominado Rio da Tapera, conforme demonstrado na figura abaixo:

Figura 16 - Mapa dos rios da comunidade

Rios de Barra Grande, Vera Cruz - BA



Elaboração: Azevedo, 2026

Este mapa foi elaborado com o Sistema de Referência Geodésicas - SIRGAS 2000, 24S - bases cartográficas: Estados e Municípios IBGE, 2025 e com os pontos de referência: Área da vila de pescadores, limites do bairro e cursos dos rios elaborados pelo pesquisador, com dados não oficiais oriundos de relatos de alguns moradores.

Esses dois cursos d'água eram utilizados de maneiras bastante distintas pela população local, e essa diferença de usos é detalhada com clareza por Clóvis em seu relato. Ele explica a divisão das funções de cada rio da seguinte forma:

O rio do banho. O rio de beber água. Então, onde se bebia água, não se tomava banho. O rio das pedrinhas, o segundo rio. O primeiro rio tomava banho, lavava prato, levava as panelas para ariar, lavava roupa. No segundo rio, não fazia nada disso. Só ia no máximo pegar água de beber (CLÓVIS, trabalho de campo, 2026).

Essa organização demonstra como a comunidade desenvolveu, a partir do conhecimento tradicional, um sistema de gestão dos recursos hídricos que garantia a qualidade da água destinada ao consumo humano.

Além das funções mencionadas por Clóvis, outras pessoas entrevistadas também destacaram a importância do rio para outras finalidades igualmente relevantes. Davi e Alcides, por exemplo, enfatizaram em seus depoimentos o papel do rio tanto para a prática da pesca “Você vê que até esse rio que a gente tinha, que pegava camarão aqui, o camarão era limpo” (Alcides trabalho de campo, 2026), quanto para o lazer, mostrando que os corpos d’água da região não serviam apenas para atender às necessidades básicas de higiene, alimentação e limpeza doméstica, mas também proporcionavam momentos de recreação e de obtenção de mais uma fonte de alimento para as famílias da comunidade. “Em relação ao rio, o que eu lembro é muito mais no processo de lavagem de roupa, que tinha muita gente que lavava, quando eu era criança, lavava roupa o rio. E para diversão também, as crianças que brincavam muito no rio” (Davi trabalho de campo, 2026)

A Figura 17 abaixo demonstra a utilização simultânea do Rio das Pedrinhas para lavagem de roupa e para recreação infantil.

Figura 17 - Rio das Pedrinhas Cena do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

A imagem demonstra que o rio possuía múltiplos usos e era muito importante para a comunidade.

5. TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NA ALIMENTAÇÃO E NOS USOS DAS RIQUEZAS NATURAIS

Com o passar dos anos, e a partir dos avanços tecnológicos e de infraestrutura que passaram a atender a ilha de Itaparica, muitos dos conhecimentos tradicionais que eram essenciais no cotidiano da comunidade acabaram por se perder ou passaram a ficar fortemente ameaçados conforme os relatos dos entrevistados. Essas transformações, que se intensificaram ao longo das décadas seguintes, não ocorreram de maneira isolada nem se restringiram a um único aspecto da vida local.

Pelo contrário, as mudanças observadas abrangem um conjunto amplo e diversificado de fenômenos, entre os quais se destacam: a substituição gradativa das práticas tradicionais de obtenção e preparo de alimentos por produtos industrializados, muitas vezes trazidos de fora e que exigem cada vez menos o conhecimento dos recursos locais; o declínio acentuado das técnicas coletivas de pesca, que outrora mobilizavam a comunidade inteira e fortaleciam os laços sociais, sendo progressivamente abandonadas ou substituídas por métodos individuais; as novas formas de abastecimento de água, energia e outros serviços básicos que chegaram à região e alteraram profundamente a rotina dos moradores; os impactos sociais e culturais decorrentes de todas essas transformações, afetando as relações de vizinhança, a transmissão de saberes entre gerações e a própria identidade comunitária; e, por fim, a relação cada vez mais distante da juventude atual com as práticas alimentares antigas, que já não fazem parte do seu dia a dia nem despertam o mesmo interesse que despertavam no passado.

Diante desse cenário, este capítulo tem por objetivo analisar as transformações nas práticas de obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra Grande a partir das décadas seguintes, buscando compreender como essas mudanças ocorreram e quais as suas consequências para a vida da comunidade.

5.1 Mudanças nas formas de pesca e desaparecimento de técnicas coletivas, substituição de práticas tradicionais por alimentos industrializados

O calão, que era a técnica emblemática de pesca coletiva na comunidade de Barra Grande, encontra-se atualmente muito ameaçado, assim como diversas outras práticas tradicionais que um dia sustentaram a vida nesse lugar. Alguns moradores

apontam algumas das mudanças ocorridas em Barra Grande comparando a década de 1970 para os dias de hoje, conforme entrevistas realizadas no ano de 2026. Maria de Fátima lamenta essa perda em seu depoimento, expressando com pesar a ausência dessa prática nos dias de hoje: "Hoje em dia a gente não vê mais isso aqui na Barra Grande" (Maria, trabalho de campo, 2026). Já dona Zulmira confirma essa mesma constatação ao ser perguntada "Quanto tempo tem que a rede da sua família não pesca? Muito tempo. Muito tempo" (Zulmira, trabalho de campo 2026). Clóvis, por sua vez, evidencia como as mudanças ocorreram na composição das equipes de pesca ao longo dos anos, comparando o passado e o presente: "Antigamente saía com seis, sete, oito pescadores para pescar de linha. Ou então pescava de muzuá. Hoje, se você olhar, um barco hoje saí com três pescadores" (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Essa redução no número de pescadores por embarcação evidencia o declínio do número de pescadores que vivem exclusivamente da pesca presentes na comunidade, que antes marcava fortemente a atividade pesqueira na comunidade, pois esse modelo de pesca normalmente os pescadores passam dias em alto mar, não podendo ser conciliado com outras atividades.

A figura abaixo demonstra um dos raros momentos que o calão acontece nos dias atuais.

Figura 18 - Divisão do quião do Calão, 2025



Fonte: AZEVEDO, trabalho de campo, 2025.

A perda das técnicas tradicionais de pesca é evidente e incontestável nos relatos colhidos junto aos entrevistados. Clóvis afirma, de maneira categórica e sem margem para dúvidas: "Se você perguntar quem faz muzuá hoje em Barra Grande? Você não encontra ninguém que faz mais muzuá" (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Essa afirmação demonstra o completo desaparecimento de uma técnica que no passado era dominada e transmitida entre os moradores. As novas gerações, além de não conhecerem as técnicas de confecção dos instrumentos de pesca, também desconhecem as técnicas mais básicas de preparo do pescado, como ele mesmo relata com certa indignação: "Quem é que sabe escamar peixe? Nenhum deles sabe escamar peixe" (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Essa falta de conhecimento tradicional revela o distanciamento cada vez maior entre os jovens de hoje e as práticas alimentares e pesqueiras que outrora eram essenciais na comunidade.

No que diz respeito à agricultura de subsistência, que antigamente complementava a pesca especialmente durante o período do inverno, quando as condições climáticas ficavam mais adversas e as saídas para o mar ficavam comprometidas ou mesmo inviabilizadas, o cenário é ainda mais agravante, pois essa prática praticamente desapareceu na comunidade, restando pouquíssimos vestígios do que um dia foi uma atividade comum entre as famílias desse lugar. Davi Azevedo, relata em seu depoimento que já em seus pais essa prática vinha se reduzindo: "A partir de meu pai e minha mãe já não tinha mais. Meu pai plantava no quintal batatas, essas coisas só pra subsistência mesmo. Mas nunca foi uma atividade econômica que fosse importante" (Davi, trabalho de campo, 2026).

Denivalda explica o abandono das roças a partir do processo de venda das terras que ocorreu com a chegada de pessoas de fora interessadas em comprar os terrenos da região: "Quem tinha roça? Meu pai tinha roça lá do outro lado. Aí quando chegou gente querendo comprar terreno, fez o que com o terreno? Vendeu. Porque o dinheiro dado no terreno era melhor do que plantar. E vai plantar onde?" (Denivalda, trabalho de campo, 2026). Ela conclui seu raciocínio fazendo uma comparação direta entre o passado e o presente, destacando a profundidade da transformação ocorrida: "Antigamente todo mundo tinha roça. Hoje em dia não tem mais" (Denivalda, trabalho de campo, 2026).

Maria de Fátima atribui o fim das roças a dois fatores principais que atuaram de maneira combinada. O primeiro fator é o falecimento das pessoas que antigamente se dedicavam ao plantio, ou seja, a perda dos detentores do conhecimento e da prática agrícola. O segundo fator é a falta de interesse dos mais jovens em dar continuidade a essa atividade. Ela explica em suas próprias palavras: "As pessoas que plantavam já faleceram. Dessas pessoas que plantavam só tem meu pai. Meu pai já não enxerga mais. E que os filhos e os netos que chegaram não abraçaram essa forma de ganhar seu sustento" (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026). Zulmira corrobora dessa mesma visão ao afirmar que a atividade agrícola era realizada por seus pais, mas que as gerações seguintes optaram por outros caminhos profissionais: "Quem fazia essa atividade eram meus pais, e agora os meus irmãos e sobrinhos já não usam mais desse tipo de trabalho. Eles trabalham empregados, em escolas, em outras atividades" (Zulmira, trabalho de campo, 2026).

Maria de Fátima resume de maneira direta, objetiva e impactante a consequência de todas essas transformações acumuladas ao longo das décadas na alimentação da comunidade: "Hoje em dia não encontra mais isso aqui. Tudo precisa ser comprado agora" (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026). Essa frase sintetiza a passagem de um modo de vida baseado no acesso direto aos recursos naturais por meio do trabalho e do conhecimento tradicional para um modo de vida dependente da economia monetária e do comércio externo para suprir as necessidades alimentares mais básicas da população.

5.2 Acesso a mercados e novos modos de abastecimento e subsistência, impactos sociais e culturais.

A chegada, principalmente, da rodovia BA-001 e do Ferry boat tornou mais fácil o acesso aos alimentos industrializados, diminuindo a dependência em relação à produção local, além de ter facilitado também a chegada de turistas e dos veranistas, aquelas pessoas que possuem casas na localidade para passar alguns dias por ano, geralmente durante a temporada de verão ou em feriados prolongados. Esse processo de maior conexão com o "mundo externo" traz inúmeras consequências para a comunidade, podendo ser tanto positivas quanto negativas, dependendo do ponto de vista de cada morador e do aspecto da vida comunitária que se considere. Algumas pessoas, durante as entrevistas realizadas, falaram um

pouco sobre como enxergam essa relação de proximidade crescente com os centros urbanos e com os bens de consumo trazidos de fora. Clóvis compara o passado e o presente em seu depoimento:

O que se sofria antes, no período que não tinha o que comer, hoje não se sofre mais. O mercado hoje está na sua porta. Hoje você com o dinheiro plástico, você compra o que comer. Se não tiver dinheiro hoje você paga no outro mês. E antigamente não: ou você pescava ou plantava, ou você não comia (CLÓVIS, trabalho de campo, 2026)

O turismo e a chegada dos veranistas transformaram profundamente a economia local, redirecionando as atividades produtivas dos moradores para o atendimento desse novo público que passou a frequentar a região com mais regularidade. Maria de Fátima analisa essa transformação em seu relato: "Com a facilidade, as pessoas começaram a alugar suas casas, a fazer bares pra poder ganhar dinheiro. E aí esqueceu mais desse momento, desse trabalho. Usou como empreendimento para uma outra situação" (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026), já Denivalda aponta outro elemento dessa mesma relação e destaca a venda de terrenos como mais um fator crucial para o abandono das antigas práticas de cultivo e de subsistência: "Quando chegou gente querendo comprar terreno, fez o que com o terreno? Vendeu. Porque o dinheiro dado terreno era melhor do que plantar" (Denivalda, trabalho de campo 2026).

O processo de abertura das fronteiras da ilha para os avanços tecnológicos, para o turismo e para a especulação imobiliária também produziu mudanças significativas na atividade principal da comunidade, que é a pesca, afetando tanto as técnicas utilizadas quanto o próprio ambiente marinho. Clóvis identifica um conflito não declarado entre pescadores e turistas, que se manifesta de maneira silenciosa, mas com efeitos concretos no dia a dia da atividade pesqueira: "No período do verão tem algum processo assim, como tem muito jet ski e tal. E aí acaba que isso pode estar afastando os peixes também. E aí gera um conflito, mas não declarado, entre os turistas e os pescadores" (Clóvis trabalho de campo, 2026). Seu Cosme destaca também, em seu depoimento, como as transformações recentes tornaram inviáveis práticas de pesca que antes eram comuns:

Antigamente, quando a ilha era pobre, era lenhada, não tinha turista nenhum que tivesse uma embarcação para botar aqui na porta [...]. Então, no lugar que ele larga a embarcação, vamos dizer, era onde meu pai cercava com a rede. Hoje não pode mais cercar, porque tem tanto ferro,

tanta pedra, de eles aboitá (amarrar a embarcação). Não pode mais botar uma rede (COSME, trabalho de campo 2026)

Outro ponto também destacado nos relatos dos entrevistados é que, anteriormente, com o acesso dificultado à ilha e a ausência de grandes estruturas de transporte e comércio, os turistas que eventualmente visitavam a região acabavam não tendo outra forma de se alimentar senão comprando e consumindo daquilo que era produzido pelos próprios moradores, o que gerava uma relação de troca e de valorização do trabalho local. Esse modelo, no entanto, foi se perdendo com o passar dos anos, devido ao acesso facilitado por meio do ferry boat e da rodovia, que permitiram o fluxo constante de pessoas e mercadorias, e também com a chegada das grandes redes de supermercado, que passaram a oferecer uma vasta gama de produtos industrializados e de origem externa. Zulmira confirma essa realidade ao descrever o comportamento dos veranistas atuais, que já não dependem mais do que é produzido na comunidade: "não produzem nada. Eles já trazem seus alimentos" (Zulmira, trabalho de campo, 2026)

Os impactos sociais causados por esse processo de maior relação com o continente são diversos e afetaram diferentes dimensões da vida comunitária. Uma das consequências que foi mais relatada durante as entrevistas é a situação de que a comunidade deixou de viver em função do ritmo do mar, ou seja, perdeu-se a antiga sincronia entre as atividades cotidianas e os ciclos naturais das marés, que antes organizavam o tempo do trabalho, do descanso e da locomoção. Clóvis afirma, de maneira direta: "Eu acho que a comunidade não vive mais no ritmo do mar não. Boa parte da família hoje. Tem adolescente hoje que não sabe nem quando a maré está subindo, quando a maré está descendo. Só os mais velhos que observam o mar hoje" (Clóvis, trabalho de campo 2026). Davi complementa esse diagnóstico, reforçando a ideia de que a dependência direta do mar diminuiu drasticamente entre as famílias locais: "A quantidade de famílias hoje que é totalmente dependente do mar diminuiu bastante. Então acaba que não tem mais essa rotina muito relacionada ao fluxo do mar" (Davi, trabalho de campo, 2026).

As tradições festivas que historicamente estavam associadas à pesca e ao calendário das atividades pesqueiras também se encontram em acentuado declínio, deixando de fazer parte do calendário comunitário anual. Clóvis menciona, recordando o passado: "Antigamente aqui tinha o presente dos pescadores que era

depois da semana santa" (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Quando perguntada sobre o estado atual dessas celebrações e tradições ligadas à pesca, Zulmira responde de forma sucinta e reveladora: "Em relação à pesca, você não vê. A tradição que nós temos é festa de padroeiros só" (Zulmira, trabalho de campo, 2026)

O conhecimento tradicional da comunidade sobre os aspectos naturais que antes orientavam a vida no território, como os ventos, as marés e as luas, também acaba se perdendo com o passar dos anos, à medida que as gerações mais velhas vão falecendo e as mais novas não demonstram interesse ou não têm oportunidade de aprender esses saberes. Zulmira comenta sobre as mudanças percebidas no regime climático, expressando uma sensação de desorientação em relação aos padrões naturais que antes eram previsíveis: "A gente fala que o tempo está meio maluco. A gente podia dizer de tal mês a tal mês é x, o tempo está desse jeito. E agora a gente não tem mais essa certeza, parece que o tempo está meio confuso mesmo" (Zulmira, trabalho de campo, 2026). Clóvis lamenta, de forma mais específica, a perda do conhecimento sobre os ventos entre os jovens da comunidade, que já não conseguem identificar as diferentes direções e características dos ventos que sopram na região:

Se você perguntar a qualquer jovem hoje que vento é esse que está batendo? Ninguém sabe quando é norte, quando é nordeste. Por que o nordeste é assim? Por que o norte é assim? Por que quando o noroeste arranca coqueiro? Ninguém sabe porque é. Então a juventude hoje não sabe nada disso (CLÓVIS, trabalho de campo, 2026)

Essas falas evidenciam a percepção dos moradores sobre algumas mudanças ocorridas com o tempo e como a juventude está inserida nessas mudanças, algo que vai ser melhor analisado no próximo capítulo.

5.3 Relação da juventude atual com as práticas alimentares antigas em 2026

Os entrevistados são unânimes em afirmar que os jovens não se interessam tanto quanto antes pelas atividades tradicionais que um dia sustentaram a comunidade, tais como a pesca, a mariscagem ou a agricultura de subsistência. Davi resume esse sentimento de maneira clara e objetiva: "Muito pouco. Porque hoje os jovens têm a oportunidade de fazer outras coisas. E aí talvez essas outras coisas sejam mais fáceis, mais cômodas" (Davi, trabalho de campo, 2026).

Zulmira segue pela mesma linha de pensamento, destacando que as novas possibilidades de estudo e de trabalho, que antes não existiam para a sua geração, acabaram por desviar o interesse dos mais jovens das ocupações manuais e tradicionais: "Os jovens de hoje têm oportunidade de crescimento, de estudar e desenvolver outras atividades mais rentáveis para eles. Como antes não tínhamos" e destaca também "Você vê que quem pesca também é pedreiro, quem pesca também é motorista, vai mais por lazer ou coisas assim. E naquele tempo não tinham outra opção. Era o mar ou a roça"(Zulmira, trabalho de campo, 2026). Clóvis é mais duro em sua avaliação, apontando não apenas a falta de interesse, mas também o desconhecimento básico em relação ao peixe e à pesca: "Nenhum deles vivem ou querem viver hoje de pescaria. Primeiro porque é uma questão da facilidade, né? Do mercado, da compra" e ele acrescenta em seu depoimento: "Essa juventude de hoje não conhece nem peixe" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Denivalda e Maria de Fátima destacam também o papel da tecnologia como um fator que afasta os jovens das práticas tradicionais relacionadas à natureza. Denivalda diz de forma direta: "Hoje em dia é mais a tecnologia, então eles não vão se dedicar a pescar, nem plantar mandioca, nem nada" (Denivalda, trabalho de campo, 2026). Maria de Fátima, por sua vez, oferece uma análise mais elaborada sobre os efeitos ambivalentes da tecnologia na vida dos jovens, reconhecendo seus aspectos positivos, mas alertando para os impactos negativos sobre o contato com o mundo natural.

A gente tem uma arma muito, muito, muito prejudicial. É boa que a gente faz a conexão com pessoas de outro país. Mas também é ruim porque a gente não sai da tela de um celular. Então tudo isso atrapalha. Então os jovens não querem mais se preocupar com aprender a pescar, nem a fazer outras coisas de cunho natural (MARIA DE FÁTIMA, trabalho de campo, 2026).

Entretanto, é preciso registrar que algumas pessoas das gerações mais jovens ainda se interessam pela atividade tradicional da pescaria, porém numa relação menos voltada para a subsistência e a obtenção diária de alimento, e sim como um lazer, uma forma de manter viva a tradição familiar ou como um complemento de renda, sem que isso represente sua ocupação principal "Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, individualização e regionalização" (Santos, 2000, p. 35).

Zulmira menciona que, entre os mais jovens de sua família, apenas uma demonstrou interesse concreto em acompanhá-la nas atividades relacionadas ao mar: "Quem se interessou por ir comigo, só a Sofia. Só uma sobrinha" (Zulmira, trabalho de campo, 2026) Jorge também relata que seu filho "sempre pesca" e que alguns sobrinhos também se interessam pela prática, indicando que a pesca não desapareceu completamente entre as novas gerações, mas assumiu novos contornos e significados. Clóvis sintetiza de maneira precisa o destino da pesca entre os jovens da comunidade atual, distinguindo entre saber fazer, praticar ocasionalmente e viver exclusivamente da atividade: "A tendência dele é pescar como uma terapia. Mas nenhum. Meu sobrinho hoje que ele é médico veterinário, mas ele só vem pescar por terapia. Sabe mexer saveiro? Sabe. Mas ele vive da pesca? Não" (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Uma fala que demonstra a que essa nova ressignificação para as práticas tradicionais pode manter esses antigos modos de vida da comunidade vivos por muitos anos.

6. ANÁLISE DOS IMPACTOS NATURAIS E TERRITORIAIS

Este capítulo tem por objetivo analisar os impactos ambientais e territoriais observados em Barra Grande conforme os relatos dos entrevistados, ou seja, a partir da percepção e da memória daqueles que vivenciaram diretamente as transformações ocorridas na localidade ao longo das últimas décadas. As transformações nos mangues, no mar e nas matas, a redução dos estoques pesqueiros, a poluição, os efeitos da urbanização e da infraestrutura, bem como o crescimento desordenado da comunidade, são temas centrais abordados neste capítulo a partir das percepções dos moradores que vivenciaram essas mudanças ao longo das últimas décadas.

6.1 Transformações nos mangues, mar e matas, relação com a pesca e coleta

A escassez de peixes e mariscos é o impacto ao meio ambiente mais citado pelos entrevistados ao longo de todas as conversas realizadas para esta pesquisa. Praticamente todos os moradores que participaram dos depoimentos mencionaram, em algum momento, a percepção de que a quantidade de peixes, crustáceos e moluscos disponíveis nas águas próximas à comunidade diminuiu drasticamente em comparação com o que existia no passado.

Davi afirma, de maneira clara, que “mariscos basicamente que a gente pegava. Aqui eram polvo, siri, lagosta. Hoje acho que é bem menos do que tinha antes. Acho que todos existem, só que em quantidade bem menor” (Davi, trabalho de campo 2026). Jorge confirma a tendência geral observada por praticamente todos os entrevistados, estendendo a percepção de redução não apenas à quantidade, mas também ao tamanho dos animais capturados: “Regrediu bastante, sim. Tanto em relação à quantidade, quanto em relação ao tamanho. Mudou tudo, geral” (Jorge, trabalho de campo, 2026).

Clóvis é ainda mais enfático ao falar sobre espécies específicas que praticamente desapareceram das águas próximas à comunidade, mencionando casos que ilustram com clareza a magnitude da transformação ocorrida ao longo das décadas: “Nós já pegamos aqui mais de 20 balaies de peixe de espada. É um peixe que eu nunca mais vi. Tem gente que diz que nunca mais viu o peixe chicharro” (Clóvis, trabalho de campo, 2026). Sobre a lagosta e o polvo, duas espécies que antes eram relativamente comuns e de fácil captura nas proximidades da costa, ele complementa seu relato com detalhes sobre as dificuldades atuais: “Polvo do tamanho que encontrava antes, você tem que ir pra um lugar mais fundo, você tem que demorar mais tempo pra pegar, siri também, eu acho que tem essa dificuldade, camarão, quase que você não acha mais camarão aqui perto” (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Maria de Fátima relata a dificuldade cotidiana que os moradores enfrentam atualmente para conseguir peixe, mesmo para o consumo doméstico, uma situação que seria impensável em décadas passadas, quando o pescado era abundante e fazia parte da rotina alimentar de quase todas as famílias: “A gente precisa comprar o peixe. Muitos pescadores vão e voltam sem peixe. Ontem mesmo eu procurei peixe para comprar e não achei. Ele disse que não achou peixe para vender” (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026). Ela também menciona espécies específicas que antes eram abundantes na região e que agora se tornaram raras, como o xixarro: “Não existe. A gente vê muito escasso o xixarro. A gente pouco encontra xixarro aqui na frente. Como tinha antigamente em abundância” (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026).

A causa dessa degradação dos estoques pesqueiros nas águas próximas à comunidade não tem, até o momento, uma explicação com um embasamento científico ainda elaborado, ou seja, não há estudos técnicos conclusivos que apontem, de maneira inequívoca, as razões precisas para o declínio observado. No entanto, os moradores possuem algumas teorias explicativas que variam entre eles, mas todas seguem o mesmo modelo interpretativo: a partir de determinado avanço, principalmente dos aspectos da globalização e da integração da região a circuitos econômicos mais amplos, essa redução dos estoques pesqueiros passou a ocorrer de maneira acentuada. Um dos fatores apontados é a presença de navios do comércio intercontinental, que trafegam pelas águas próximas à costa e que, segundo os pescadores, afugentam os peixes ou interferem em suas rotas migratórias, fazendo com que os pescadores locais necessitem ir cada vez mais longe para pescar fora da rota desses navios. Clóvis relata essa realidade de forma direta:

Se você olhar pra dentro d'água hoje, onde tinha pesqueiro, hoje tem navio encalhado lá dentro. Ancorado. Pra não pagar o pedágio lá dentro da Bahia de Todos os Santos. Ele vem e bota na frente do pesqueiro de Barra Grande, Conceição. Então, hoje pra pescar, o cara tem que ir muito mais distante do que antes (CLÓVIS, trabalho de campo, 2026)

Essa dificuldade de deslocamento, que exige mais tempo, mais combustível e mais esforço físico, contrasta de maneira marcante com a realidade anterior, em que a pesca era feita mais perto da costa, com embarcações menores e com menor dispêndio de recursos.

Seu Jarrinho mencionou também a construção da barragem de pedra do cavalo, localizada no município de Cachoeira, como um possível fator para a queda na presença dos peixes nas águas da região. Em seu depoimento, ele estabelece uma relação direta entre o represamento do rio e o impacto sobre a pesca: "para mim o que atrapalhou foi o rio. Taparam o rio. A pedra do cavalo mesmo, era bacana, isca pra peixe. Depois que fez aquilo ali acabou a pescaria" (Jarrinho, trabalho de campo, 2026). Essa percepção indica que os moradores não atribuem a degradação dos estoques pesqueiros a uma única causa, mas sim a um conjunto de fatores que incluem tanto transformações locais quanto intervenções de grande escala ocorridas em outras partes do território.

Seu Cosme menciona uma questão, que aponta uma observação de que a mudança sofrida da pesca tradicional coletiva do “calão” para modos mais individualizados também pode estar causando impactos.

Os veranistas antigamente vinham pra aqui pra comprar peixe, na mão dos pescador, hoje os veranistas vêm, compram logo uma rede para ir pescar. Quer dizer, quando ele, se ele chegar aí com a maré baixa, tem 4, 5, 6 redes ele botando aí. Qual é a rede que vai, qual é o peixe que vai encostar? Na minha concepção (COSME, trabalho de campo, 2026).

Ele cita também a poluição que acaba sempre indo para o mar, pode ser um fator a ser levado em consideração

A sujeira dobrar, porque a sujeira tá dobrando[...] os esgoto vai pra onde? pra dentro d'água, então tem peixe que se acostuma com aquele esgoto que ta saindo que ta saindo, mas tem peixe que não se guenta, eles foge, vai pra alto mar [...] Antigamente, aqui encostava um bocado de chicharro. Hoje é difícil você ver uma manta (cardumes) de chicharro passar ai. Você estava aqui na praia, você via o escuro passar, dizia: é vai uma manta ali, é vai outra ali.... e não encontra mais (COSME, trabalho de campo, 2026).

Os entrevistados também associam a escassez de peixes ao aquecimento da água do mar. Davi relaciona: "Está relacionado a outras questões ambientais do ponto de vista macro. Que é a questão do aquecimento, então talvez isso esteja influenciando na temperatura da água. E pode estar influenciando na rotina dos peixes, sei lá, no processo de migração dos peixes" (Davi, trabalho de campo, 2026).

Clóvis corrobora: "A temperatura da água esquentada e o peixe some" (Clóvis, trabalho de campo, 2026) Denivalda também observa: "As marés estão mais quentes. Eu acho que afeta porque a água tem que estar em dois climas, tem que estar quente e tem que estar na temperatura que esteja boa para o pescado, para o próprio peixe. Quando a maré esquentada, afasta o peixe" (Denivalda, trabalho de campo, 2026) Maria de Fátima complementa: "A água hoje em dia a gente vê a água muito quente. Muito quente" (Maria de fátima, trabalho de campo, 2026).

Sobre as áreas de mata e mangue, mesmo apesar de não terem sido mencionadas pelos entrevistados quando perguntados, observa-se que com o crescimento populacional desordenado houve uma grande supressão dessas áreas na comunidade.

6.2 Poluição e seus efeitos

A poluição é um fator que hoje tem um impacto extremamente presente no cotidiano das pessoas que mantêm uma forte conexão com o mar e com os rios da comunidade, principalmente daqueles que vivenciaram uma realidade diferente nas décadas passadas, quando as águas eram mais limpas e os recursos naturais mais abundantes. Essa poluição que afeta a comunidade tem diferentes origens, sendo principalmente de lixo trazido pelas correntes marinhas.

Uma das origens citadas durante as entrevistas para essa poluição é a falta de saneamento básico que os moradores da comunidade enfrentam, que é apontada como fonte de poluição do mar por Davi. Ele afirma, relacionando a ausência de esgotamento sanitário à qualidade da água do mar:

Acho que esgoto pode estar influenciando. Como a gente vive em uma comunidade que ainda não tem esgotamento sanitário. E por mais que use caixa séptica, mas ainda tem um volume desses esgotos que acabam indo para o mar. Então isso pode estar influenciando, aumentando a matéria orgânica, influenciando no processo da água (DAVI, trabalho de campo, 2026)

Zulmira confirma essa realidade e acrescenta:

Aqui a gente não tem esgoto sanitário. Então, tem pessoas que deixam o esgoto a céu aberto, escorrer pela rua, e isso vai para o mar. Quer dizer, de alguma maneira polui. Quando chove muito mesmo, você vê que a água fica, a metade fica com uma coloração diferente. Com cheiro, mau cheiro (ZULMIRA, trabalho de campo, 2026)

Clóvis relata um outro fenômeno preocupante na beira da praia, algo que ele mesmo experimentou durante suas atividades de pesca e que indica a presença de poluentes químicos nas águas costeiras:

Se você olhar na praia, perto ali do Arauá, o que hoje é um condomínio, o cheiro de água de cloro. Cloro de piscina. Na beira da praia, porque a maré está baixa. Eu mesmo vou pescar com essa rede pequenininha de pegar sardinha. Quando eu boto ali, a gente sente o fedor de óleo corporal, de cloro na água do mar. Entendeu? Então a gente sente o cheiro forte (CLÓVIS, trabalho de campo, 2026).

Ele relaciona esse fenômeno também como um possível causador do branqueamento dos corais, um problema ambiental grave que tem afetado diversos trechos do litoral brasileiro: "Quer dizer, é uma água não tratada, que deveria ser

tratada ou coletada, porque depois o pessoal reclama de embranquecimento de corais em Recife. Pode ser causado por isso" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Zulmira denuncia também o uso de água sanitária por algumas pessoas que se dedicam à mariscagem, uma prática que visa facilitar a coleta dos moluscos, mas que causa danos severos aos ecossistemas recifais: "Tem uns que usam água sanitária para ter facilidade. Porque sabe que tem pessoas que gostam dessas facilidades aí. Aí mata o recife, né?" (Zulmira, trabalho de campo, 2026) Clóvis também condena essa prática e enfatiza que a pesca e a mariscagem tradicionais envolvem saberes específicos sobre como capturar os animais sem destruir o ambiente: "Até para pegar polvo tem que saber como pega o polvo, não é usando produto químico na beira da praia onde o polvo não encosta mais depois que você usa produto químico" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

O lixo que chega pelo mar, proveniente das mais diferentes partes do mundo, algo que pode ser observado simplesmente lendo o rótulo de algumas embalagens que vêm parar na praia, é um problema constante e de difícil solução para a comunidade, uma vez que sua origem está fora do controle dos moradores locais. Davi observa essa dinâmica com clareza: "Em relação a plástico, apesar de ser um problema, mas eu acho que ele acaba sendo um problema não pela produção daqui. Mas eu acho que é mais pela produção de outros territórios que as correntes acabam trazendo para cá" (Davi, trabalho de campo, 2026). Maria de Fátima descreve o acúmulo de lixo na praia com detalhes: "Se você passar ali na praia, você vai ver tampa de garrafa, garrafa pet, tudo de todo mundo. De tudo quanto é lugar, você encontra garrafa de vidro. De vários lugares do Brasil e fora do Brasil" (Maria de Fátima, trabalho de campo, 2026).

Clóvis explica como uma parte da comunidade acredita que ocorre esse mecanismo em relação ao plástico nos oceanos, baseado em informações compartilhadas por mergulhadores que conhecem o comportamento das correntes marinhas: "O mergulhador que me disse isso. Ele fica girando o tempo todo. Quando dá ressaca, ele roda ao contrário. Esse rodou ao contrário, o lixo sobe e vem todo parar em Barra Grande, Conceição, Barra do Gil, Aratuba. Vem tudo parar na ilha. Porque a corrente marinha traz" ele acrescenta: "Hoje tem peixe comendo plástico. Segundo os estudiosos estão dizendo" (Clóvis, trabalho de campo, 2026).

Os rios, que antes eram fontes de água potável e local de banho, lavagem de roupas e utensílios domésticos, foram drasticamente alterados ao longo das últimas décadas, perdendo suas funções tradicionais e sua importância para a comunidade. Maria de Fátima fala da situação atual e Denivalda descreve como era no passado, lamentando a degradação e o desaparecimento desses corpos d'água:

O rio era mais preservado. A gente tinha o rio da Tapera. Tinha dois rios aqui, muito bom. Era onde as pessoas iam pegar água para beber. Esses rios se acabaram. Porque o pessoal adentraram. Começaram a construir casa e acabou com os dois rios, só tem um filete de rio. Que tem uma ponte que passa e que não se usa mais para isso" (MARIA DE FÁTIMA, trabalho de campo, 2026).

E a água que a gente pegava, a água potável era do rio. Tinha dois rios aqui, o rio da Tapera e o das Pedrinhas. Eu ia muito com a minha avó, pegar água com a minha latinha. A gente tinha a nossa lata para pegar.[..] Nós éramos crianças, mas a gente tinha a nossa atividade como criança (DENIVALDA, trabalho de campo, 2026).

Clóvis recorda que, no passado, a própria comunidade organizava mutirões para limpar os rios, o que demonstra o cuidado coletivo que existia em relação a esses recursos naturais: "Cansei de ir também, limpar aquele rio todo e água gelada pra caramba. Nunca vi" (Clóvis, trabalho de campo, 2026) Hoje, infelizmente, esses rios praticamente deixaram de existir como corpos d'água perenes e utilizáveis pela população, restando apenas vestígios do que um dia foram. A figura abaixo mostra as mulheres vindo do Rio da Tapera com as latas de água que eram utilizadas para a dessedentação humana.

Figura 19 - Mulheres e crianças voltando do Rio da Tapera com as latas de água, cena do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Esse rio hoje não é mais utilizado para a dessedentação devido a poluição e a ocupação desordenada que afeta diretamente essas áreas.

6.2.1 Águas de lastro

Uma outra ameaça ambiental enfrentada pelas pessoas que vivem da pesca na comunidade de Barra Grande são os navios de comércio intercontinental, ou seja, aquelas enormes embarcações que cruzam os oceanos transportando mercadorias entre diferentes países e continentes. Essa ameaça, no entanto, não se restringe apenas às rotas comerciais estabelecidas por esses navios na região costeira da ilha, que acabam por fazer com que os pescadores locais necessitem pescar cada vez mais distante, conforme já foi citado anteriormente por algumas das pessoas entrevistadas em seus depoimentos. Há também um outro fator igualmente preocupante e que está diretamente relacionado à operação dessas grandes embarcações: a água de lastro.

A água de lastro é um peso líquido localizado nos tanques localizados nos porões dos navios, desempenhando uma função técnica essencial para a navegação segura dessas enormes estruturas metálicas. Esse sistema é utilizado para que os navios cargueiros possam navegar em segurança quando estão sem

carga ou com pouca carga, uma situação muito comum nas viagens de retorno após a descarga dos produtos transportados. Além de garantir a estabilidade da embarcação, a água de lastro também serve para manter as hélices propulsoras devidamente submersas.

Os dois pescadores mais antigos entrevistados ao longo desta pesquisa, que vivenciaram décadas de atividade pesqueira nas águas próximas à comunidade e que testemunharam as transformações ocorridas no ambiente marinho, relataram que, muito provavelmente, a água de lastro desses navios já causou problemas ambientais significativos nas áreas de pesca tradicionalmente utilizadas pela comunidade ao longo das últimas décadas. Jarrinho relatou “Os coral venenoso, acabou[...] Tá acabado aí. Ninguém pega nada hoje, tudo contaminado” (Jarrinho, trabalho de campo, 2026). Seu Cosme complementa.

Agora esse navio tem. Sabe por quê? Esses navios que chegam aqui, aqui fora, ou eles estão carregados para descarregar, ou estão vazios para procurar carga. Só que ele vem de lá vazio, ele não vem vazio. Ele vem cheio d'água. Se ele vai e carrega aqui, ele esvazia a água que ele trouxe de lá e larga aqui. O tipo d'água de lá é uma, o marisco de lá é totalmente diferente. Ele traz aquela raça praqui, os daqui não se aguentam. [...] Aqui chegou uma quantidade, agora eu não vou dizer que eu não estou pescando, não sei. Um siri totalmente diferente, que o siri que a gente chama siri boia, desapareceu. Agora, por quê? Eu não vou dizer que... Não dá para ter certeza, mas tem uma relação (COSME, trabalho de campo, 2026).

Esses relatos são muito importantes, pois uma comunidade que não possui meios apropriados de comprovar essa situação acaba ficando mais suscetível a novos problemas ambientais oriundos dessa problemática.

6.3 Efeitos da urbanização e da infraestrutura, crescimento desordenado.

A construção da rodovia e da ponte do Funil, juntamente com a chegada do ferry boat, facilitou o acesso da comunidade de Barra Grande ao continente e também o acesso de pessoas de fora à ilha, trazendo consigo transformações profundas em diversos aspectos da vida local, muitos moradores durante as entrevistas não consideravam muitos desses avanços como um problema, principalmente em temas como a especulação imobiliária, viam esse processo como algo natural e inerente ao progresso, porém os problemas relacionados a este e outros temas acabaram aparecendo em outros momentos das entrevistas.

Uma das principais transformações enfrentadas ao longo desse processo foi a urbanização que ocorreu em todo o município de Vera Cruz, afetando não apenas a vila de pescadores, mas também outras localidades da região. Porém esse processo de urbanização, ocorreu com grande crescimento desordenado da ocupação do território, sem que as condições de infraestrutura necessárias para atender essa nova realidade fossem igualmente instaladas de maneira planejada e adequada.

Clóvis aponta o momento exato em que percebe o início dessas mudanças, situando-o temporalmente a partir da chegada da infraestrutura viária: "Depois da pista. Eu acho que depois da pista começou a mudança. As pessoas passaram a ter acesso" (Clóvis, trabalho de campo, 2026) Davi corrobora essa visão, destacando que a facilidade de chegar e sair da ilha foi um fator determinante para o desenvolvimento econômico e para a chegada de novos moradores e visitantes: "Eu acho que pelo próprio processo, acho que facilitou chegar e sair da ilha e o desenvolvimento mesmo, o processo econômico, que foi tendo outras oportunidades aqui na ilha e aí veio bastante gente de fora também" (Davi, trabalho de campo, 2026). Um outro processo que vem sendo observado nos últimos anos, é um inicial processo de verticalização, ainda que modesto por parte dos moradores, que utilizam de todo espaço que possuem para construir, contrastando com a realidade na década de 70, como observado nas figuras 20 e 21.

Figura 20 - Rua dos Campos, cena do filme *Barra Grande, Itaparica 1977*



Fonte: Fotograma do filme Barra Grande, Itaparica 1977 (Direção por Christian Ramseyer)

Figura 21 - Foto da Rua dos Campos, 2026



Fonte: AZEVEDO, trabalho de campo, 2026.

Esses processos causaram diversas mudanças na realidade da ilha principalmente na relação com os rios, áreas de matas e com a sensação de segurança, destaca Maria de Fátima “Começaram a construir casa e acabou com os dois rios, só tem um filete de rio, que tem uma ponte que passa e que não se usa mais para isso, mas a gente bebia a água do rio e levava a roupa para lavar nesse rio, hoje em dia não tem mais isso” (Maria de fátima, trabalho de campo, 2026) e também na questão da segurança: “Antigamente, você deixava a casa aberta para o vento entrar, hoje você não pode mais fazer isso. Não pode deixar nenhum portão aberto” (Cosme, trabalho de campo, 2026).

Outro ponto que vem gerando preocupação por parte dos moradores é a construção da ponte Salvador - Itaparica e os possíveis novos processos que ela pode ocasionar, como demonstra essa fala de Alcides: “Que vem essa ponte aí, né? Que vai vir essa ponte, mas que melhore, né? Porque não vai ser tudo passagem aí” (Alcides, trabalho de campo, 2026). Moradores temem que os municípios da Ilha de

Itaparica sejam desprivilegiados no debate e nas beneficias da ponte, ficando apenas com o ônus dessa construção, silenciando as comunidades tradicionais em debates sobre temas em que as mesmas são diretamente afetadas, assim sendo excluídas "dos processos decisórios" (Pacheco & Faustino, 2013, p. 91).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender como a comunidade de Barra grande se organizava nas décadas de 1970 e 80 para produzir alimentos e como isso ocorre atualmente, analisando os efeitos das mudanças na produção de alimento com a mudança do vínculo da população com o meio ambiente. A partir das entrevistas realizadas com os moradores que vivenciaram todo esse processo de mudança foi possível documentar um conjunto robusto de saberes tradicionais, tanto voltados para a pesca, quanto para a agricultura e também para o extrativismo vegetal, registrando nomenclaturas, percepções sobre as mudanças no clima e o meio ambiente e também analisando diversos impactos ocorridos na localidade.

O presente trabalho registrou o quanto a vida na comunidade em 1970/80 estava muito mais atrelada a questões de pensamento comunitário, com os moradores desenvolvendo diversas atividades de beneficiamento mútuo, principalmente com o exemplo da pesca do calão, atividade de pesca que possui essa característica em diversas etapas da sua ocorrência, assim como as práticas de dividir uma parcela do alimento produzido nas roças com aquelas pessoas que ajudaram em alguma forma na sua para sua produção ou seu beneficiamento. Porém também registrou técnicas que estavam fortemente atreladas a relação da comunidade com o meio ambiente, como a produção do muzué com palha de coqueiro, a pesca de vara feita com bambu, o abala poço técnica que consistia em pescar peixes desorientados nas piscinas naturais na maré baixa e também como se dava a relação daquilo que era extraído da mata e levado para ser vendido em Salvador por meio dos saveiros, para obter renda e comprar produtos que a comunidade não conseguia produzir.

Registrou-se também nessa pesquisa como ocorreram os processos de transformação nos seu mais diversos níveis dentro da comunidade com o passar do anos, tanto com técnicas que anteriormente eram centrais e atualmente não ocorrem mais, como a pesca de calão, o muzué, como as roças, o beneficiamento de mandioca e o processo de secagem dos peixes, devido à ausência de energia

elétrica e como atualmente uma comunidade que produzia tanto e com tanta diversidade, hoje é extremamente dependente de mercados. Portanto percebeu-se também alterações na relação com os turistas, que anteriormente em menor quantidade, tinham menos influência no cotidiano da comunidade e hoje a maioria dos empregos está atrelada a essa atividade.

Observou-se no decorrer da pesquisa que essas mudanças ocorridas não causaram impacto apenas na relação da comunidade com a natureza, mas também causaram impacto na natureza em si e os moradores entrevistados relataram a sua percepção em relação a essas mudanças, como a perda do estoque pesqueiro, com o desaparecimento de espécies de peixes como (xixarro, espada, peixe porco e outros) e a diminuição da ocorrência de outros peixes, como (polvo, badejo, agulha e etc...) o aumento da poluição por lixo e plástico que chega às praias da comunidade pelo mar, a contaminação do mar por meio de resíduos químicos das piscinas dos condomínios privados que cercam a comunidade, que não recebem tratamento adequado, o aquecimento da água do mar também foi citado por alguns entrevistados e também a poluição dos rios e dos corais realizada por alguns moradores da comunidade. Os moradores vem sofrendo também, ao passar dos anos, com um forte impacto territorial em decorrência dos avanços que receberam em relação a estrutura com a construção da ponte do funil e da instalação do modal de transporte do ferry boat que proporcionaram a facilitação do acesso a comunidade, mas trouxeram que consigo forte especulação imobiliária, forçando a venda dos antigos terrenos que eram destinados para as roças, o crescimento desordenado que levou a poluição dos rios e também uma pressão territorial no mar, com os navios de comércio intercontinental que ficam ancorados nas áreas que anteriormente eram destinados a pesca, forçando os pescadores a irem cada vez mais distante.

Sobre a relação da juventude com todas as práticas tradicionais da comunidade os moradores entrevistados, foram quase unânimes, existe pouco interesse e pouca relação deles sobre as questões tradicionais, e as crenças dos entrevistados em relação aos motivos é diversa, vai desde ao acesso à tecnologia, as facilidades da atualidade de possuir um mercado onde se pode comprar tudo que desejar, a outras oportunidades de emprego deixando as práticas de pesca como um hobby. Situação que já traz impactos para a comunidade atualmente, onde o calão precisa pagar por alguém de fora da comunidade para realizar os concertos e coloca

em risco o futuro de algumas técnicas como o muzuá, onde apenas dois pescadores da comunidade dominam sua técnica de confecção a figura 22 demonstra o processo de confecção com outros materiais realizada por um desses pescadores.

Figura 22 - Confecção de muzuá



Fonte: Thierry Azevedo

Esta pesquisa documentou e sistematizou um conjunto de saberes tradicionais que se encontravam ameaçados pela ação do tempo, pois não estão registrados em fontes escritas, dependendo exclusivamente da memória dos moradores mais antigos da comunidade. Foram registradas nomenclaturas locais de peixes (xixarro, minguareira, poita), técnicas locais (muzuá, abala poço, calão) e processos produtivos (secagem do peixe ao sol, produção de farinha, confecção dos muzuás).

O registro desse material não é importante apenas para a comunidade de Barra Grande, mas também para um campo mais amplo de estudos das comunidades tradicionais, soberania alimentar, patrimônio cultural imaterial e na compreensão de processos macro como a globalização e as novas etapas do capitalismo afetam essas comunidades. Acaba atuando também como um registro da memória alimentar da comunidade, centrada na pesca artesanal e na agricultura

de subsistência, constitui um acervo que merece ser preservado e transmitido às futuras gerações.

As limitações da pesquisa foram o viés de memória, as informações referentes às décadas de 1970 e 1980 estão baseadas em relatos retrospectivos dos moradores entrevistados, podendo estar sujeitas a esquecimento e reelaborações de experiências posteriores. Embora os relatos majoritários sejam similares entre os entrevistados, não se pode afirmar com certeza a precisão temporal dos eventos mencionados. A amostragem reduzida, apesar de conseguir trazer riqueza e consistência nas suas informações, não captura toda a diversidade de experiências existentes na comunidade, outros moradores podem ter percepções distintas. Outra limitação é o viés do pesquisador, pois o autor possui vínculo afetivo com a comunidade e pertence a uma geração que ainda teve contato com algumas práticas tradicionais. Apesar de ter adotado métodos para mitigar essa relação, como uso das transcrições das entrevistas, o olhar com proximidade pode ter atrapalhado a visualização de elementos que seriam de importante documentação.

Com base na riqueza do material pesquisado recomenda-se para o futuro, pesquisas visando a instalação de uma reserva extrativista no recife de corais da Ilha de Itaparica; cujo nome refere-se justamente em homenagem ao recife, com uma pesquisa sobre quantificação do estoque pesqueiro, análise de espécies exóticas de corais e peixes, e catalogação das espécies nativas e possíveis espécies endêmicas, visando preservação.

Pesquisa que busque documentar e promover oficinas de aprendizagem de técnicas artesanais de pesca, cultivos, construção de saveiros, e saberes tradicionais de elementos da mata e do mar, oficinas principalmente voltadas para as novas gerações com o intuito de preservar saberes tradicionais e perpetuá-lo.

Por fim, é notório que a comunidade de Barra Grande vive um processo de acelerada transformação, uma comunidade que tinha como cerne da sua existência, a relação e o conhecimento acumulado durante muitos anos, com os meios naturais que se manifestavam no momento da pesca artesanal, do cultivo e da extração de matérias primas da mata. Uma comunidade que prezava muito pelo respeito aos rios, às matas, aos ciclos do mar e a solidariedade entre as famílias, acabou por se tornar uma comunidade integrada à lógica do turismo, da especulação imobiliária e ao consumo de alimentos industrializados. O Calão não é mais puxado na praia, o muzuá não é mais confeccionado pelos pescadores, as roças deram lugar às casas

e outras construções, os rios foram tornados canais de esgoto, os peixes que anteriormente eram abundantes agora estão escassos ou desapareceram.

No entanto, em diversos momentos durante as entrevistas os moradores demonstraram que não romantizam o passado, que era marcado por muita dificuldade. Eles compreendem que o futuro sempre chega; e com ele muitas mudanças acabam por acontecer. E com isso entendem a necessidade de se documentar e buscar transmitir esse conhecimento para as futuras gerações, que mesmo que não se utilizem dele como um modo de sobreviver, perpetuem ele como um lazer que preserve esse conhecimento por muitos e muitos anos.

REFERÊNCIAS

ARAGUAIA, Mariana. **Água de lastro e suas ameaças em potencial**. Brasil Escola, [s. l.], 5 jan. 2009. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biologia/sgua-lastro-suas-ameacas-potencial.htm>. Acesso em: 16 mai. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: pdfdocumento.com_gil-a-c-metodos-e-tecnicas-de-pesquisa-social-blog_59f7b94d1723ddd e0f3dc077.pdf> Acesso em: 20 jun. 2026

GUERRA, Clarissa de Souza; SILVA, Maria Beatriz Oliveira da. Direito à soberania alimentar no capitalismo periférico. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 2198-2224, 2022. Disponível em: SciELO. Acesso em: 11 mai. 2026.

GUIMARÃES, Aquiles Cortes. Aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. Rio de Janeiro: UFRJ, s.d. Disponível em: https://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/aproximacao_aos_conceitos_basicos.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2026.

IBGE. **Biblioteca**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=35756&view=detalhes>>. Acesso em: 16 mar. 2026.

Memory of Ahummingbird. **Barra Grande, Itaparica 1977**. Youtube, 10 jan. 2026 1 video (22:51 min) Disponível em youtube.com. Acesso em 16 mai 2026.

PACHECO, Tânia., PORTO, Marcelo Firpo; ROCHA, Diogo. Metodologia e Resultados do Mapa: uma síntese dos casos de injustiça ambiental e saúde no Brasil. In: **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, p.35-72.

ORNELA, Thierry Azevedo de. **Memórias bordejantes: o percurso dos saveiros e as tradições marítimas na construção de identidade de Barra Grande, na Ilha de Itaparica-BA. 2025**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Vera Cruz, BA, 2025. Disponível em: <http://ri.ufrb.edu.br/jspui/handle/123456789/4944>. Acesso em: 7 jul. 2026.

PACHECO, Tânia., FAUSTINO, Cristiane. A Iniludível e Desumana Prevalência do Racismo Ambiental nos Conflitos do Mapa. In: **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, pp. 73-114.

PORTO, Marcelo Firpo; PACHECO, Tania; LEROY, Jean Pierre. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, 306 p.

Prefeitura Municipal de Vera Cruz. **História**. Disponível em: <https://veracruz.ba.gov.br/historia>>. Acesso em: 15 de mar. 2026.

Prefeitura Municipal de Vera Cruz. **Localização**. Disponível em: <https://veracruz.ba.gov.br/localizacao>>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 54, p. 81-100, jun. 1977. Disponível em:

<https://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/sociedade-e-espaco-a-formacao-social-como-teoria-e-com-metodo_MiltonSantos_1977.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2026.

SANTOS, Milton. O lugar: encontrando o futuro. *In*: SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. [34-39]. Disponível em:

<[https://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2023/05/O-Lugar_Encontrando-O-Futuro_MiltonSantos.pdf#:~:text=Os%20eventos%20operam%20essa%20liga%C3%A7%C3%A3o%20entre%20os,\(lugar\)%20que%20o%20mundo%20%C3%A9%20percebido%20empiricamente.>](https://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2023/05/O-Lugar_Encontrando-O-Futuro_MiltonSantos.pdf#:~:text=Os%20eventos%20operam%20essa%20liga%C3%A7%C3%A3o%20entre%20os,(lugar)%20que%20o%20mundo%20%C3%A9%20percebido%20empiricamente.>)>. Acesso em: 10 mai. 2026.

APÊNDICE A — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: Transformações na obtenção de alimentos e nos usos do meio ambiente em Barra Grande da década de 1970 até os dias atuais., que tem como pesquisador responsável Luan Barbosa Azevedo. Esta pesquisa pretende compreender como os moradores da comunidade de Barra Grande, município de Vera Cruz, Bahia, obtinham e produziam alimentos nas décadas de 1970 e 1980 e como eles obtêm e produzem atualmente, analisando os efeitos das mudanças do vínculo da população local com o meio ambiente/Natureza. O motivo que nos leva a fazer este estudo é a partir das entrevistas compreender como os moradores enxergam as mudanças na rotina da comunidade. Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletadas serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletados serão: cerca de 30 minutos de entrevista em áudio e algumas fotos para registro.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

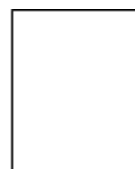
Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, _____
autorizo o uso de:

() minha voz () minhas imagens (fotos e/ou vídeos) e minha voz

Barra grande, _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável



Impressão
datiloscópica
do participante

APÊNDICE B - Roteiro de entrevistas

Objetivo da entrevista estruturada

A entrevista tem como objetivo compreender como os moradores da comunidade de pescadores de Barra Grande, localizada na Ilha de Itaparica, percebem e interpretam as transformações ocorridas em seu modo de vida ao longo dos anos. Para isso, pretende-se entrevistar pessoas de diferentes faixas etárias, de modo a contemplar distintas perspectivas e experiências geracionais. A partir desses relatos, a intenção é analisar como os participantes compreendem a realidade atual da comunidade e quais são suas expectativas em relação ao futuro, especialmente no que diz respeito à continuidade das atividades tradicionais voltadas à produção de alimentos.

Perguntas

5. Identificação (Todas as idades)

1. Qual é o seu nome:
2. Idade
3. Há quanto tempo mora em Barra Grande?
4. Com que idade você começou a trabalhar com a pesca, a coleta de mariscos ou a roça?
5. Com quem o senhor aprendeu a atividade?
6. Além dessas atividades, você teve ou tem outra fonte de renda?

6. Como veem o passado (Foco nos mais velhos)

Como era a comunidade de Barra Grande na sua infância ou juventude? (Ex: terra (tamanho), número de casas, infraestrutura, acesso)

Nessa época, como era um dia típico de trabalho no mar ou na roça? (Quantidade de peixe/marisco, horários, locais)

Quais eram os tipos de peixes e mariscos que existiam?

Alguns desses não existem mais?

Antigamente, vocês plantavam para consumo próprio?

O que se plantava e quem plantava – divisão do trabalho na família?

Como era a relação da comunidade com o rio e o mar?

Havia mais respeito ou regras naturais?

Na sua lembrança, qual foi o ano ou período em que o peixe/marisco começou a ficar mais escasso ou a comunidade começou a mudar?

Porque o senhor acha que houve essa mudança?

7. Dias atuais (mais velhos)

Atualmente, qual atividade garante mais o sustento da sua família: a pesca, a coleta ou o plantio? Cuidar para não induzir a resposta

Comparado com 10 ou 20 anos atrás, o que mudou na quantidade e no tamanho dos peixes e mariscos que vocês conseguem capturar?

Você ainda planta? Se sim, o que mudou na agricultura local? Se não, por que parou?
Quais são as principais dificuldades que você enfrenta hoje para trabalhar na pesca ou na mariscagem?

Existe algum conflito hoje em dia entre os pescadores, marisqueiros ou com outros usos do mar (turismo, esporte)?

Como vê a relação entre turismo ou a chegada de novos moradores (veranistas) com a produção de alimento na comunidade? Explique

Em comparação de hoje com o tempo de teus pais e avós:

- mais fácil ou mais difícil? Por quê?

8. As Transformações Ambientais e Sociais (Percepção Geral)

Você observa mudanças no clima, nas marés ou na temperatura da água ao longo dos anos?

Isso afeta a pesca ou o plantio? De que modo?

Na sua opinião, os jovens de hoje se interessam em aprender a pescar e mariscar? Por quê?

A comunidade ainda vive em função do ritmo do mar e da maré, ou a rotina mudou muito? Dê exemplos...

Existe algum tipo de poluição (esgoto, lixo, plástico) que esteja afetando os locais de pesca e coleta?

9. Transmissão de Conhecimento e Cultura Local

Você ensina ou ensinou seu ofício para seus filhos ou netos? Eles se interessaram?

A comunidade ainda mantém festas ou tradições ligadas à pesca? Se sim quais? Em que período ocorrem?

O conhecimento sobre as luas boas para pescar ou as épocas de defeso ainda é muito usado no dia a dia? Descrever

Quando um jovem quer começar a pescar hoje, ele aprende da mesma forma que você aprendeu? Quais pessoas o senhor indica como “Mestres da pesca”

10. O Futuro (Para todas as idades)

Como você imagina a comunidade de Barra Grande daqui a 20 anos?

Você acredita que seus netos ou bisnetos ainda vão viver da pesca ou da mariscagem? Por quê?

O que precisaria acontecer para que as atividades tradicionais (pesca, mariscagem, roça) continuem existindo no futuro?

Se a pesca e a coleta acabarem um dia, o que vocês acham que vai sustentar a comunidade?

Você gostaria que seus filhos seguissem esse modo de vida ou prefere que eles busquem outras profissões na cidade?

Para encerrar, se você pudesse deixar um recado ou pedido para garantir o futuro da produção de alimentos em Barra Grande, o que diria?

APÊNDICE C

PESSOAS ENTREVISTADAS DURANTE TRABALHO DE CAMPO, 2025, 2026.

COSME – 94 anos

DAVI – 40 anos

JORGE – 61 anos

DENIVALDA – 56 anos

DJALMA “Jarrinho” – 80 anos

ZULMIRA – 71 anos

MARIA DE FÁTIMA – 64 anos

CLÓVIS – 59 anos

ALCIDES – 46 anos